

pai de primeira



LAÍS DOS PASSOS



LAÍS DOS PASSOS

*pai de
primeira*

1ª Edição

Copyright © 2020 — Laís dos Passos

Capa: Cenna Nunes
Diagramação: Laís dos Passos
Revisão: Laís dos Passos

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do(a) autor(a). Quaisquer semelhanças com nomes, datas e acontecimentos reais são mera coincidência.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte destas obras, através de quaisquer meios - tangível ou intangível - sem o consentimento escrito do(a) autor(a) ou da editora.

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.



Oi, amore. Primeiramente, seja bem-vindo(a)!

Essa história se passa na cidade de Penha, localizada no litoral norte de Santa Catarina. Sempre quis escrever sobre a minha terra e as peculiaridades que existem aqui. Para quem não sabe, eu moro em Balneário Piçarras (que é vizinha de Penha, separadas, basicamente, por uma ponte), mas resolvi não escrever sobre a minha cidade especificamente, porque acho que Penha ainda mantém os costumes e a cultura com mais tradição.

As falas são carregadas no *peixerês*, por isso, fiz um glossário. Todas as expressões estarão lá embaixo, com seu significado, para melhor compreensão.

Sou apaixonada pela minha terrinha e espero passar para vocês um pouquinho da razão de amar tanto esse lugar <3

Boa leitura.



Imaturo, irresponsável, mas incrivelmente lindo e divertido.

Essa seria uma boa maneira de definir Cadu, um solteirão gato e gente boa, que não está muito aí para as responsabilidades da vida.

Completamente apaixonado por Morena, sua melhor amiga, sabe que só terá sua tão sonhada chance quando criar vergonha na cara e começar a agir como o adulto que é.

O destino resolve dar uma forcinha no seu processo de amadurecimento, quando coloca Matheus, um filho de cinco anos que ele nem fazia ideia que tinha, dentro da sua casa. Juntos, eles terão que aprender a agir como pai e filho e descobrir as dores e delícias que acompanham esse processo.

Será que a paternidade trará a responsabilidade que tanto precisa?



capítulo 1

Um som estridente e incessante era o responsável por atrapalhar o sono tranquilo e revigorante de Cadu. Xingou-o mentalmente algumas vezes, até se dar conta que se tratava do interfone e que alguém queria falar com ele com bastante urgência.

Sentou-se na cama, ainda desorientado, e não ficou surpreso ao notar que havia uma mulher deitada ao seu lado. Incomodada com o barulho, cobria a cabeça com o travesseiro. O corpo também estava debaixo das cobertas e forçou sua mente a se lembrar quem era ela. Por sorte, não estivera tão bêbado na noite anterior e foi fácil relembrar a morena deliciosa que terminara a noite em sua cama.

A persistência da pessoa que o chamava na entrada do prédio o despertou de suas lembranças e, mesmo que precisasse de mais algumas horas de sono, levantou-se e seguiu até o aparelho.

— O que é? — disparou, sonolento.

— Já tá pronto? — A voz ansiosa de Morena o fez questionar o que diabos tinha combinado com ela. — Deixa eu subir.

Atordoado, permitiu sua entrada e voltou para o quarto. Ainda estava pelado e seria melhor vestir uma cueca, antes que ela chegasse e fizesse um barraco, uma das especialidades da sua amiga. Estava jogando uma água no rosto, quando ouviu a porta da sala se abrindo — o que o fez se lembrar que estava destrancada desde que chegara, na madrugada passada — e a voz impaciente dela:

— Ainda não *tá* pronto, Cadu? A gente só tem quinze minutos!

Morena estava parada no meio da sua sala, com as mãos na cintura e cara de quem não estava achando muita graça da situação. Além disso, reparou que ela estava arrumada demais, para um compromisso simples. Usava um vestido amarelo de caimento fluido, que valorizava suas curvas. Os cabelos, sempre presos em um coque bagunçado, desta vez, estavam soltos, ostentando seus cachos desalinhados. Até a boca exibia um batom escuro, coisa que, com exceção de ocasiões especiais, não se via. E, por último, mas não menos importante, nos pés, uma sandália de salto.

Obrigou sua memória a trazer à tona o tal compromisso que a traria até o seu apartamento, tão arrumada desse jeito, mas a única coisa que sua mente lhe dizia era aquela frase, que já estava cansado de ouvir.

Tu é muito irresponsável, Cadu!

— *Tu esqueceu, né?* — perguntou ela, de olhos cerrados e um tom de voz controlado e assustador.

— Não. É claro que não — mentiu. — Eu só me atrasei um pouco.

Como se já não fosse humilhante o suficiente, estar de cueca na frente dela, com a maior ressaca e, muito provavelmente, a maior cara de culpado do mundo, para piorar sua situação, a mulher que dormia em sua cama resolve se levantar e aparecer na sala.

— Ah, mas eu sabia! — disparou Morena, revoltada. — Como é que *tu me apronta* uma dessas, Cadu?

Além de raiva, havia mágoa em sua voz, evidenciando que, seja lá o que tivera esquecido, tratava-se de algo muito importante.

A moça desconhecida — Michele era seu nome — veio até a sala, enrolada no lençol e, aos poucos, foi resgatando suas peças de roupa, espalhadas pelo chão. Enquanto isso, a amiga continuou o fuzilando com os olhos.

Dentro de poucos minutos, a moça, já vestida, cruzou a sala — tão encolhida, para evitar chamar mais atenção, que, se pudesse, teria atravessado o cômodo rastejando — e, antes de sair, olhou para Morena, cheia de pesar.

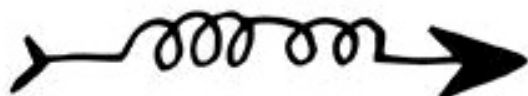
— Eu não sabia que ele é casado — explicou-se, em um sussurro.

— Casado? *Tu acha* que eu ia me prestar ao papel ridículo de casar com um velho de quarenta anos, que age como um adolescente de dezessete? — devolveu, rindo. — Esse castigo eu não desejo nem para o meu pior inimigo!

Perplexa com a estranheza da situação, a mulher deixou o apartamento. Os dois permaneceram nos mesmos lugares, encarando-se por alguns minutos. Ela, com raiva. Ele, constrangido.

— Olha só, eu vou descer e te esperar no meu carro. *Tu tem* cinco minutos *pra* te vestir e aparecer lá.

Sem esperar pela sua resposta, ela saiu do apartamento, não lhe deixando nenhuma opção, além de obedecer a sua ordem.



Decepcionar Morena estava no topo da lista de coisas que o fazia se sentir um bosta. Essa lista era mais extensa do que gostaria de admitir, mas nada se comparava a frustrar as poucas expectativas que a amiga tinha em relação a ele. Queria poder provar que estava enganada quanto ao seu julgamento, pois sabia que esse era o único meio de fazê-la lhe dar uma chance, mas a cada episódio como esse, via suas oportunidades de, finalmente, poder ficar com ela, descendo pelo ralo e tinha noção que a culpa era toda dele.

Dentro de seis minutos, e muita correria, estava batendo na janela do carro branco que estava estacionado do outro lado da rua. A pressão o fez se lembrar do tal compromisso e o fez se sentir ainda pior.

Aquele era o dia da entrevista que Morena faria com a assistente social, para dar prosseguimento ao seu sonho de ser mãe. Ficou arrasada quando descobriu que não podia ter filhos da maneira convencional e, desde então, tem levado o processo de adoção como seu objetivo de vida.

— Desculpa, Morena, eu...

— Eu vou fingir que não vi aquela cena lamentável lá em cima, tá? — interrompeu-o, impaciente. — Eu já devia ter imaginado que pedir algo tão

importante seria demais *pra* ti.

Suspirou, desanimado, mas sem argumentos para poder discordar dela.

— *Tu sabe* o quanto isso é importante *pra* mim, não sabe?

— Sei, *cheiro*^[1]. Sei, sim. Me perdoa.

Ela assentiu e respirou fundo. Pela forma como apertava o volante com força, era notável o nervosismo que sentia, o que fez Cadu se sentir ainda pior.

— Vai dar tudo certo — arriscou. — Se fosse eu no teu lugar, teria mil razões *pra* estar nervoso, mas *tu vai* tirar isso de letra.

— Tomara!

Depois de respirar fundo mais algumas vezes, ela finalmente deu partida no carro e seguiram até o local. Ele tentou puxar assunto o caminho todo, para ajudar a tranquilizá-la, o que surtiu algum efeito. O caminho não era longo e em poucos minutos, já estavam estacionando na rua próximo ao fórum.

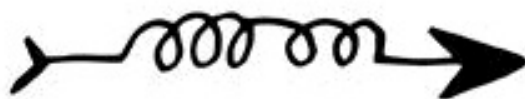
— Vai dar tudo certo, *tá* bom? — insistiu, enquanto caminhavam até o interior do prédio.

Desta vez, ela não respondeu. Apenas assentiu e continuou seu caminho.

O interior do prédio parecia tão frio e intimidador quanto seu exterior. Móveis de cores sem graça, corredores largos e portas, muitas portas. É por isso que precisou perguntar ao policial, que ficava na recepção, qual direção deveria tomar. Depois de seguir as orientações do homem, os dois chegaram ao local correto. Cadu sentou-se em uma das cadeiras enfileiradas no corredor e a observou batendo na porta. Assim que uma pessoa permitiu sua entrada, ela lhe lançou um último olhar, como se estivesse buscando coragem.

— Vai dar tudo certo — repetiu.

Seu sorriso foi a última visão que teve, antes da porta se fechar.



— Deu tudo certo! — Morena comemora em voz baixa, assim que deixa a sala. — Agora só falta a psicóloga e o parecer do juiz.

— Eu disse que *tu ia* conseguir, não disse? Eu sou foda, pode falar. — gabou-se, cheio de si. — Já pode me dar uma chance, *né?*

— Eu não entendo como *tu consegue* agir feito homem em um momento e, no outro, te comportar igual *rapaz pequeno*^[2]! — disparou, indignada com a mudança de comportamento repentina do amigo.

— Calma! É brincadeira, Morena.

Ambos sabiam que não se tratava de uma mera brincadeira, mas resolveram não tocar mais no assunto. No fundo, Cadu sabia que insistir só tornaria sua situação pior.

Não tinha certeza de quanto tempo fazia que era apaixonado pela amiga, mas sabia que já fazia muito tempo. Conheciam-se desde criança, pois cidade pequena é assim. Todo mundo conhecia todo mundo em Penha, pequena cidade do litoral norte de Santa Catarina. Quando queriam sair com algum amigo, era comum que os pais lhe perguntassem a frase clássica "É filho de quem?". Mas só se tornaram amigos, quando ele estava na faculdade. Estudou com Noé, seu amigo e irmão mais velho dela e se formaram juntos em engenharia civil. Chegaram a abrir um escritório juntos, mas quando as coisas ainda estavam engatinhando, Noé prestou um concurso público de dar inveja e foi embora dali, deixando-o sozinho. Para sua sorte, Morena já estava quase se formando em arquitetura e assumiu o lugar do irmão. A sociedade entre os dois estava perto de fazer quinze anos.

Mas a boa relação profissional deles não se estendia para a vida pessoal. Pelo menos, não tanto quanto ele desejava. Já tinham transado algumas vezes — sempre quando estavam bêbados —, mas, apesar deste fato, Morena sempre deixou muito claro que não nasceu para cuidar de marmanjo.

— Quem tem filho grande, é elefante — repetiu, todas as vezes que este assunto entrou em pauta.

Sabia que só existia uma forma de conquistá-la: provando que era o homem que ela queria que fosse. Só não sabia como fazer isso.

Assim que chegaram ao escritório, cumprimentaram Keyla, a

estagiária/recepcionista/quebra-galhos. A moça foi lhes passar tudo o que aconteceu na quase uma hora e meia de atraso e cada um seguiu para sua sala, para cuidar de seus compromissos.

A manhã passou mais rápido do que de costume. Morena foi visitar alguns clientes, enquanto ele tratava de finalizar alguns projetos que estavam pendentes.

De uma forma geral, davam-se muito bem no trabalho. Com exceção de algumas poucas desavenças, completavam-se naquele ambiente.

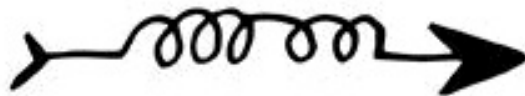
Passava um pouco do meio-dia, quando ela voltou para o escritório.

— A mãe *tá* te convidando *pra* almoçar lá hoje. Disse que assou uma tainha^[3] e sabe que *tu adora* — avisou.

— *Égua*^[4]! E por que ela *tá* assando uma tainha em plena segunda? — devolveu, intrigado.

— O Noé chegou hoje, esqueceu? Vai passar as férias aqui com a gente.

— Ótimo! *Tô* morrendo de fome, mesmo! — disse, desligando o computador.



Depois de um almoço delicioso, regado a muita conversa fiada e risadas — e uma intimação para que Cadu comparecesse à casa da família, em quinze dias, para receber, junto com dona Gracinha, a visita da *Bandeira do Divino*^[5] —, finalmente voltaram para o trabalho, desta vez, acompanhados de Noé.

Queria ver como andava o escritório que outrora fora seu também. Assim que os três cruzaram a porta, Keyla falava com alguém no telefone e, logo que viu Cadu, apoiou o fone sobre a mesa.

— Cadu, tem uma moça querendo falar contigo. Disse que é do Juizado da Infância e da Juventude do Paraná — explicou.

— *Ó-lhó*^[6], não sabia que *tu andava* metido com menor, Cadu —

brincou Noé, rindo do amigo.

— Andasse te metendo com menor, Cadu? — repreendeu Morena, revoltada.

— É claro que não! *Tu não vai atrás do teu irmão, não*^[7]! — defendeu-se, indo em direção ao telefone. Depois de pegar o aparelho e levar ao ouvido, lançou um olhar de desaprovação na direção dos dois. — Pois não?

— *Boa tarde, gostaria de falar com o senhor Carlos Eduardo da Cunha* — disse a mulher, do outro lado da linha.

— Sou eu.

— *Eu estou entrando em contato, porque a avó do Matheus perdeu a guarda dele e, antes de mandá-lo para o abrigo, nós tentamos encontrar qualquer parente que se disponha a ficar com a criança* — explicou, pausadamente. — *A avó da criança foi quem nos deu seu nome, para que entrássemos em contato.*

— Acho que isso é um mal-entendido. Eu não tenho nenhum parente do Paraná. — Riu, achando graça da situação. — Mas deixa eu te perguntar. Qual seria o grau de parentesco?

A mulher fez uma pausa dramática, antes de continuar.

— *Bom, a avó do menino afirma que o senhor é pai dele.*

Primeiro, ficou chocado com a informação. Depois, caiu na gargalhada, achando divertida a brincadeira. Era uma piada, sem nenhuma dúvida. Podia apostar que era obra do amigo, só para poder se divertir às suas custas, durante seu período de férias.

— Ah, moça, muito engraçado — devolveu, entre risadas.

— *Isso não é uma piada. O senhor não reconhece o nome Dábila da Luz? Essa era a mãe dele.*

Ao ouvir aquele nome, Cadu sentiu seu coração palpitar com força. Reconhecia aquele nome e, de uma hora para outra, a história que parecia uma piada, tornou-se mais plausível do que gostaria, porque, mesmo que esse fosse seu maior pavor, existia, sim, a possibilidade de ser pai do garoto.



Morena conhecia Cadu há tanto tempo, que poderia decifrá-lo só de olhar para o seu rosto. Sabia quando ele estava triste, animado, doente ou assustado, antes mesmo que ele lhe contasse o que estava acontecendo. Mas em todos esses anos, não se lembrava de já tê-lo visto tão apavorado quanto agora, enquanto falava ao telefone. Nem quando sua mãe morrera há alguns anos o vira com essa cara.

Estava branco, com a boca meio aberta e com o olhar perdido.

Seja lá o que fosse, estava começando a ter medo também.

— O que deu nele? — Noé perguntou, cutucando-lhe o ombro.

Ela apenas balançou a cabeça, sem saber o que dizer.

Cadu era a pessoa mais despreocupada que já conhecera. Com exceção do próprio trabalho — que levava muito a sério —, nenhum outro aspecto da sua vida conseguia lhe tirar o sono. Pelo contrário, se tem uma coisa que Cadu tinha de sobra era o tal sono. Cansou de brincar, pedindo à mãe que o benzesse de *quebranto*^[8], porque só isso explicava alguém dormir tanto e com tanta facilidade.

Na verdade, às vezes tinha a impressão de estar lidando com um eterno adolescente. Vivia esquecendo dos compromissos, sempre colocava a culpa de seus erros em outras pessoas ou coisas, raramente conseguia lidar com as consequências de seus atos.

Não que o achasse uma pessoa ruim. Muito pelo contrário. Cadu tinha um dos corações mais bondosos que já conhecera em toda a vida. Era

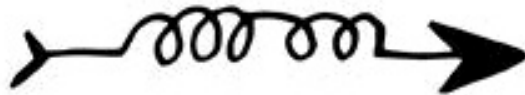
divertido, engraçado e muito bonito. Vivia pensando consigo que era impossível não se apaixonar por um homem como ele, mas, como nada nesta vida é perfeito, a irresponsabilidade era um fardo grande demais para carregar.

Como teria um relacionamento com um cara com quem não poderia contar? Um homem que sempre colocaria a culpa em outros fatores para justificar seus erros?

Morena sonhava em ser mãe, mas não de marmanjo barbado!

É por isso que estava aflita. Porque não era do feitio do amigo agir desta forma.

Tentou perguntar o que estava acontecendo, mas Cadu estava em outro planeta naquele instante e tudo o que lhe restava era esperar pela bomba.



Cadu tentou buscar no fundo da sua mente qualquer lembrança que provasse que aquela constatação estava errada, mas tudo o que se recordava daquele carnaval foram as noites de muito sexo e bebedeira. Dábila fora uma colega de faculdade que reencontrou depois de muitos anos. Ela lhe contou que, apesar de estar morando em Curitiba, sempre adorou o litoral catarinense e, por esta razão, sempre que podia, voltava para o lugar que lhe trazia tantas memórias boas.

Mas, entre algumas noites no carnaval e um filho, existe um abismo e é isso que ele tentava explicar à moça do juizado, que insistia que ele precisava comparecer no local. Depois de alguns minutos, tendo a conversa mais louca da sua vida, finalmente devolveu o fone para o lugar e respirou fundo.

— Tão dizendo que eu tenho um filho — explicou, ao ver os rostos curiosos das pessoas a sua volta.

Queria dizer que era só um mal-entendido, mas não tinha certeza disso. Noé caiu na gargalhada ao ouvir as palavras do amigo. Morena abriu a boca, depois fechou, tornou a abrir e fechar, mas não disse nada. Apenas o puxou

para dentro da sua sala e se trancaram lá dentro.

— Filho, Cadu? É sério?

Sem forças para continuar de pé, sentou-se em uma das cadeiras da sala, com a postura baixa e o olhar cansado.

— Eu não sei.

— Então, tem chance de ser verdade? — insistiu, incrédula.

Sem conseguir encará-lo, apenas assentiu lentamente. Tinha noção que suas chances de ficar com ela — que já eram quase nulas — tinham acabado de chegar a valores negativos depois dessa notícia. Se ela já o achava irresponsável antes disso tudo acontecer, agora sua situação estava muito pior.

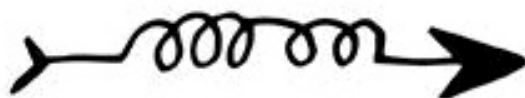
— E o que *tu vai* fazer?

— Vou amanhã cedo *pra* Curitiba.

— Quer que eu vá contigo?

Desanimado, apenas suspirou. Queria muito que ela fosse com ele até lá, porque acreditava que não seria capaz de não surtar na frente da mulher, caso suas suspeitas se confirmassem. Precisava do seu apoio mais do que nunca.

— Quero. Quero, sim.



A tarde de trabalho não rendeu absolutamente nada, assim como a noite de sono, que passou rolando na cama, imaginando a reviravolta que sua vida sofreria, se o menino realmente fosse seu filho.

Não parava de repetir para si mesmo que era muito azar. Apesar de nunca ter se casado, não podia ser considerado um canalha. Sempre fez questão de deixar bem claro para as mulheres que saía, que não estava disposto a ter um relacionamento e todas elas — salvo raras exceções — entendiam numa boa.

É claro que seu maior impeditivo era Morena, mas, mesmo que ela não

existisse, a verdade é que morria de medo de se meter em um relacionamento e não conseguir levá-lo a sério, como quase tudo em sua vida.

Agora corria o risco de virar pai da noite para o dia.

Se não tinha maturidade para um namoro, como teria para criar um filho?

Chegou a fechar os olhos algumas vezes e desejar que tudo não passasse de um pesadelo, mas sempre se frustrava mais, quando os abria e se dava conta que tudo era de verdade.

Quando faltava pouco mais de quinze minutos para o horário combinado, desceu até a garagem, pegou sua caminhonete e seguiu até a casa da amiga. Não ficou surpreso ao ver sua mãe, dona Gracinha, parada em frente ao portão. Primeiro, porque moravam juntas, segundo, porque, apesar de gostar muito da senhora, sabia que sua veia de velha fofoqueira falava mais altos do que seu autocontrole.

— Bom dia, meu filho. Tudo bem?

Podia apostar que sua pergunta era só uma armadilha para lhe arrancar a verdade. Se Morena tivesse contado o motivo de sua viagem, sua abordagem teria sido muito mais enérgica do que apenas um cumprimento matinal.

— Bom dia, dona Gracinha. Tudo bem, e a senhora?

— Tudo ótimo. O que vão fazer lá em Curitiba, assim, de repente?

O detector de fofocas da mulher estava apitando em nível máximo, mas, se Morena fez questão de esconder da mãe a verdade, não seria ele a lhe contar o que realmente fariam lá. Se o fizesse, assim que voltasse de lá, toda a cidade já estaria arranjando uma mãe para filho que nem tinha certeza se era dele.

— É só uma emergência de trabalho, nada de mais.

— É, mãe. Já te disse que não é *pra* se preocupar — disse Morena, irritada, após deixar a residência e entrar no carro. — Um pouco depois do meio-dia a gente *tá* de volta.

A senhora não estava convencida com as desculpas, mas, como não tinha mais o que fazer, apenas deu de ombros e desejou uma boa viagem aos

dois.

— Que Deus acompanhe vocês dois — disse, antes do carro dar partida, mas quando estavam a alguns metros dali, chamou-os aos berros: — Não vai esquecer a Bandeira do Divino!

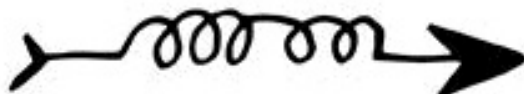
— Pode deixar.

A senhora não deixava nenhuma chance de que esquecessem seus eventos. Ela fazia questão de lembrá-los várias vezes por dia, mesmo.

— Não falasse nada *pra* tua mãe, *né*? — perguntou ele, quando já estavam na esquina.

— Só se eu quisesse que toda a cidade soubesse. Só vamos falar quando tivermos certeza, tá?

Cadu assentiu e dali, pegaram a estrada.



A viagem até Curitiba levava em torno de duas horas e meia e, antes das onze da manhã, já estavam em frente ao local indicado. O problema é que o fórum só abria ao meio-dia e precisaram ficar matando tempo até o horário.

Com a ansiedade que sentia, teve a impressão que estavam ali há muitas horas, aguardando e, assim que as portas do local se abriram, precisou se controlar para não correr até lá. Ainda teve que esperar pela mulher que conversara com ele por telefone por mais alguns minutos e, quando ela finalmente chegou, descobriu que o menino estava em um abrigo da cidade.

Estava tão nervoso, que pediu à Morena que levasse o carro até o local, pois não tinha condições psicológicas de levá-los até lá em segurança. Curitiba é uma cidade enorme — especialmente, perto de Penha — e ela não estava acostumada a dirigir em cidades com tantas pistas, rotatórias e semáforos. Ainda mais com aquela droga de carro gigante.

— Não sei *pra* que comprou um carro tão grande — reclamou, irritada com a dificuldade que tinha em manobrar. — Vão achar que *tu tem* pinto pequeno.

— *Tu sabe* que não é verdade. Isso é o que importa — devolveu, mal humorado.

Sem mais conversas, chegaram até o abrigo e tiveram que esperar a mulher do juizado descer do veículo oficial e a seguiram para dentro de uma casa grande, mas bem simples. Lá dentro havia todo tipo de criança e adolescente que se pode imaginar, de bebês até quase adultos.

— Todos estão aguardando adoção? — Morena perguntou, em voz baixa.

— Na verdade, nenhum deles. As crianças aptas ficam em outro local. Aqui estão apenas as que o processo ainda não finalizou — explicou.

Ela conversou com uma senhora que trabalhava ali e pediu que chamassem o menino. Não demorou muito para que retornasse, acompanhada de Matheus.

— Cadu do céu! Esse menino é a tua cara! Não tem como não dizer que é teu filho — admirou-se Morena.

Por mais que quisesse acreditar que se tratava de uma brincadeira, seria impossível. O menino realmente era muito parecido com ele. Além disso, lembrava-se nitidamente da mãe dele e a idade batia com a data em que se encontraram pela última vez. Eram coincidências demais para serem ignoradas.

— Você é o meu pai? — indagou o pequeno, curioso.

— A menos que ele tenha um irmão gêmeo perdido por aí, eu aposto que sim — respondeu a amiga, cruzando os braços.

Cadu não conseguia dizer nada. Passou os minutos seguintes olhando do menino para Morena e a mulher do juizado, sem saber o que fazer. Queria dizer que aquilo era um mal-entendido ou assumir a responsabilidade de seus atos, mas estava entorpecido demais para sequer pensar em algo para falar.

O menino realmente se parecia com ele. Tinha algumas fotos em um álbum antigo que eram idênticas a ele, mas, mesmo com as evidências, estava tendo muita dificuldade em aceitar a realidade.

Como conseguiria dar conta de cuidar de uma criança, se mal conseguia cuidar dele próprio?

A vida estava sendo muito cruel e ele não conseguia entender o que fizera para merecer tal castigo.

Via as pessoas na sua frente, seus lábios mexendo, mas não entendia uma palavra que saía das suas bocas. Por mais que estivesse apavorado, desde o dia anterior, quando recebeu a notícia de que *poderia* ter um filho, só agora o fato se concretizou.

E finalmente se deu conta que estava desgraçadamente ferrado.

Sua vida estava arruinada para sempre.



Cadu jamais imaginou que esse tipo de burocracia se resolveria tão rapidamente, mas no final do dia já estava de volta, na sua casa, desta vez, com um filho para cuidar. Apesar de ter conversado muito com Morena, o menino não trocou muitas palavras com ele. Não que ele tenha dado muita abertura, já que estava ocupado demais se lamentando e pensando em todos os aspectos da sua vida que seriam destruídos pela presença de uma criança.

A amiga, que dirigia seu carro, porque ele não estava em condições de fazê-lo, surpreendeu-o ao entrar na garagem de seu prédio e estacionar lá dentro.

— Não vai *pra* casa? — indagou, confuso.

— E deixar o Matheus sozinho com um mudo? Não dá, *né?* — devolveu. — Eu fico com vocês essa noite, *pra* dar uma força.

Cansado, apenas assentiu. Viu os dois caminhando à sua frente, engatando uma conversa animada em cima da outra e uma ideia absurda rondou sua cabeça.

Já que ela sonhava tanto em ser mãe, será que não queria ficar com o menino para ela?

Mataria dois coelhos com uma cajadada só.

Chegou a tomar ar, pronto para fazer a proposta, quando um lampejo de razão o freou no último instante. Tinha certeza que Morena o mataria com as

próprias mãos se sugerisse algo do tipo, mesmo que a ideia fosse maravilhosa e resolvesse os problemas dos dois. Por fim, deu de ombros e decidiu guardar a ideia para outra ocasião — mais para frente, poderia ser útil.

Logo que entraram no apartamento, a mulher tomou a frente da situação. Mandou o garoto para o banho, procurou algo na geladeira que pudesse cozinhar, mas soltou um xingamento baixo ao encontrá-la praticamente vazia — com exceção das cervejas — e acabou optando por pedir algo pronto.

— Pelo amor de Deus, Cadu! Vamos melhorar essa cara? O Matheus perdeu a mãe, perdeu a avó... Poxa! *Tá* sendo complicado *pra* ele também, sabia? — chamou-lhe a atenção, impaciente com a apatia do amigo.

Não estava no clima para uma discussão, nem para ser chamado de egoísta, caso expusesse seu ponto de vista e seus problemas. Por isso, só balançou a cabeça e soltou um muxoxo.

Apressada, deixou a cozinha e foi conferir se o menino já estava no banho, depois arrumou uma cama improvisada no sofá para que ele pudesse dormir.

— *Tu vai* ter que arrumar um quarto *pra* esse menino.

— Mas não tem espaço no meu apartamento — argumentou.

Ela cruzou os braços e lhe lançou um daqueles olhares mortais, capazes de meter medo até no próprio diabo. Neste momento, sentiu-se grato por não ter dito em voz alta o que pensara sobre ela ficar com a criança, pois sabia que não teria ficado apenas em um olhar mortal.

— *Tá...* Eu vou ver o que dá *pra* fazer — rendeu-se, desanimado.

Era a única forma de encerrar a discussão, mesmo.

— Tia Morena, onde eu vou dormir? — perguntou Matheus, adentrando na cozinha, com a blusa do pijama do avesso.

— Vem cá que eu vou te mostrar onde *tu vai* dormir só essa noite. Amanhã teu pai vai comprar uma cama bem linda *pra* ti, querido. *Tu gosta* do Homem-aranha?

— Gosto — respondeu, eufórico.

— Então, amanhã teu pai vai comprar uma cama do Homem-aranha *pra*

ti!

Cadu lançou um olhar de advertência para ela, tentando explicar naquele simples gesto que eles moravam em uma cidade pequena, onde jamais encontrariam uma cama do Homem-aranha, mas Morena simplesmente o ignorou e seguiu até a sala.

— Pode ser do Hulk? Ele é mais forte! — devolveu.

— Claro que pode. Ele é bem mais forte, mesmo.

Ainda sentado à mesa da cozinha, ele ouvia a conversa empolgante sobre os heróis preferidos do garoto e parou para pensar em como seriam as coisas quando Morena fosse embora dali. Se as coisas já estavam ruins com ela, sem ela, seriam um desastre total.

O interfone, avisando que sua comida chegara, interrompeu seus devaneios. Talvez um pouco de comida o ajudasse a pensar em uma solução, afinal, não comia há horas.

Todos se sentaram e, assim que abriu a tampa na caixa octagonal da pizza, o primeiro perrengue surgiu.

— Eu não gosto de cebola — avisou o menino, ao ver a pizza de calabresa coberta com anéis de cebola.

Cadu bufou, mas recebeu um olhar de repreensão de Morena.

— Não tem problema. Eu tiro *pra* ti — disse, pegando uma fatia e separando as cebolas. Depois a cortou em pequenos pedaços e entregou a ele.

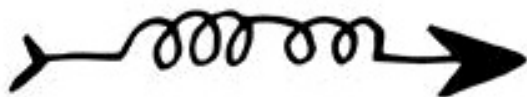
Novamente, a única interação naquela mesa era entre Morena e Matheus, que conversavam sem parar. Cadu só queria que calassem a boca por um momento, para que pudesse ouvir os próprios pensamentos, mas não teve um segundo de paz, até o menino finalmente dormir.

Depois de tomar um banho e vestir uma camiseta do amigo, Morena entrou no quarto dele.

— Eu vou dormir na cama contigo, mas quero deixar uma coisa bem clara. Nós somos amigos há muito tempo e não quero nem pensar que *tu vai* ser *tanso*^[9] de colocar nossa amizade em risco vindo de gracinha *pra* cima de mim, tá?

— *Tu acha* que eu sou o quê? — revidou, ofendido. — Se teu medo é esse, pode dormir sossegada, que eu não vou encostar um dedo em ti.

— É bom, mesmo, Cadu. Senão eu te enfio a mão nos *cornos*^[10], entendeu?



Já tinha se passado uma semana que Morena estava morando no apartamento de Cadu, para poder ajudá-lo com a situação de Matheus. O amigo ainda se mostrava muito apático e desanimado, e as coisas não melhoravam de jeito algum. Tentou ser paciente, depois tentou uma abordagem mais enérgica, mas nada parecia funcionar.

O garoto só estava matriculado em uma escola, porque ela correu atrás de informações na Secretaria de Educação da cidade. A assistente social que os visitou durante a semana só se convenceu porque ela tomou a frente e mostrou que o garoto estava sendo bem cuidado. E o garoto só estava sendo bem cuidado, porque ela obrigou Cadu a ir comprar a tal cama do Hulk, que precisou de uma gambiarra para ficar do jeito que o menino queria — e foi responsável pelas suas noites de sono acontecerem no sofá e não mais na cama de Cadu —, fez compras de comida de verdade e faltou vários dias de serviço para ficar cuidando dele, enquanto ainda não estava frequentando a escola.

É claro que cuidar de Matheus não era nenhum sacrifício para ela. Adorava o menino e estava cada vez mais apegada a ele, mas estava começando a pensar que toda sua boa vontade em ajudar poderia deixar o amigo mal-acostumado. Cadu sempre gostou de jogar suas responsabilidades no colo dos outros e, apesar de criticar duramente a postura dele, desta vez, ela estava o bonificando. Tinha que tomar uma atitude logo, antes que as circunstâncias se tornassem insustentáveis.

— O que você *tá* fazendo, tia? — indagou o menino, ao vê-la colocando as poucas roupas que trouxera sobre a cama.

— Eu vou ter que ir embora, querido.

— Por quê? — insistiu, triste.

— Porque teu pai é o Cadu. Ele que tem que morar contigo, cuidar de ti, essas coisas. Eu sou só amiga de vocês — explicou, abaixando-se para ficar na altura dele.

— Mas é que você é tão boazinha, tia. Minha mãe também era boazinha assim comigo — disse, o que fez Morena engolir em seco.

Não podia imaginar a dor de perder uma mãe, especialmente sendo tão pequeno e frágil. Seu pai morreu logo que ela nasceu, por isso, não sabia como Matheus se sentia.

— Meu pai não é bonzinho comigo — queixou-se, emburrado.

— É claro que ele é. Teu pai é o homem mais bonzinho que eu conheço. Mas ele só pega no tranco.

— O que é isso?

— Pegar no tranco? — perguntou e o garoto assentiu. — Quer dizer que ele demora *pra* aprender as coisas.

Mesmo não gostando muito da notícia, Matheus pareceu se conformar com bastante rapidez, principalmente, quando Morena prometeu lhe visitar todos os dias para brincar com ele. Já passava um pouco das seis da tarde, quando Cadu chegou e viu a pequena mochila sobre o sofá.

— De quem é essa mochila? — perguntou, antes mesmo de dar oi.

— É minha. Eu tô voltando *pra* casa agora. Acho que já ajudei bastante — declarou, colocando a mochila nas costas. — Me dá uma carona?

Atônito com a declaração dela, não se mexeu por alguns segundos, sem saber se era uma piada sem graça ou — muito pior do que isso — se ela realmente pretendia levar a sério aquele absurdo.

— Anda, Cadu. Eu tô com saudade da minha cama, sabia?

— Então *tu dorme* lá essa noite, mata a saudade e volta *pra* cá — sugeriu, como se fosse uma grande ideia.

Morena revirou os olhos com a falta de maturidade dele, mas não disse nada. Apenas pediu ao garotinho que fosse buscar qualquer coisa no seu quarto, só para que ele deixasse os dois a sós.

— *Tu acha* que eu não tô vendo o que *tu tá* fazendo? *Tu é mais liso que jundiá*^[11], Cadu, mas eu te conheço bem — sentenciou, cruzando os braços.

— E o que exatamente eu tô fazendo? — perguntou.

— *Tá* se escorando em mim, como sempre. Deixando a responsabilidade que é tua cair no meu colo, mas eu vou repetir o que eu sempre digo: Quem tem filho grande é elefante, nego. *Tá* na hora de *tu assumir* o teu filho.

Dando-se conta que ela não estava blefando, Cadu sentiu o desespero dar as caras e um medo nauseante se apossar de cada célula do seu corpo. Não tinha a menor condição de cuidar do menino. Não tinha a menor condição de cuidar de um peixinho em um aquário, imagine só de uma criança!

— Não, Morena. Por favor, não faz isso comigo — implorou. — Eu preciso de ti aqui comigo. Eu não vou dar conta, *tu sabe* disso.

— Vai criar vergonha nos cornos, seu *caco*^[12]! — ralhou, impaciente. — A hora que a água bate na bunda, a gente aprende. Contigo não vai ser diferente. O Matheus é um amor e *tá* na hora de *tu ser* pai dele.

Sabia que discutir seria inútil, portanto, atendeu ao seu pedido e a levou até a sua casa, acompanhado de Matheus. Ela se despediu dos dois — do menino, muito mais calorosamente do que dele — e, finalmente, adentrou sua casa.

— Ô, pai. Quando a tia Morena vai voltar a morar com a gente? — indagou, nitidamente triste com a despedida.

— *Pois agora*^[13]... Só Deus sabe! — respondeu, fazendo a volta para poder voltar para seu apartamento.

Durante o caminho todo — que não levou mais do que dez minutos —, resmungou baixinho, irritado com a falta de companheirismo de Morena. Ela bem que podia ser um pouco mais paciente e ter um pouquinho de empatia de vez em quando.

— Eu vou sentir saudade dela — reclamou Matheus.

Cadu também, mas estava revoltado ao constatar que ela estava mais interessada em puni-lo pelo seu jeito. Já estavam entrando no apartamento, quando uma ideia brilhante pipocou em sua mente.

— É isso! — exclamou, sentindo-se um gênio.

Se a intenção de Morena era puni-lo pela sua falta de maturidade e senso de responsabilidade, tudo o que tinha que fazer era mostrar para ela que era um bom pai para o garoto. Se provasse que estava errada, ela não só voltaria, como lhe daria sua tão sonhada chance.

Só então se deu conta que Matheus era, na verdade, uma força do destino, um acaso, sua chance de conquistar o coração de Morena.

— *Tu quer* que a Morena volte a morar com a gente? — indagou ao garoto, que assentiu imediatamente, empolgado. — Então eu tenho um plano.



capítulo 4

A casa estava cheia de parentes e vizinhos, todos bem vestidos e tagarelando sobre as novidades da cidade — também conhecidas como fofoca. Dona Gracinha arrumou a mesa, cheia de bolos, empadões, salgadinhos e todo tipo de gostosura, porque os vizinhos não podiam pensar que sua mesa estava menos farta que a do ano passado.

Receber a Bandeira do Divino em sua casa era uma tradição e motivo de orgulho. Fazia questão que toda a família estivesse presente, até aqueles que moravam longe dali. Era um evento que organizava com toda dedicação e carinho.

Morena ajudava a mãe, de muita má vontade. Não tinha nada contra a tradição religiosa, mas não se sentia à vontade com aquele monte de pessoas em sua casa.

— Melhora essa cara, Morena — advertiu-lhe a mãe.

— Quer que eu fique sorrindo, vendo esse bando de *embosteiro*^[14] reparando aqui em casa, *pra* falar mal depois? — devolveu, azeda.

A mãe contentou-se em apenas bufar e lhe deu às costas, em busca de alguém que não a contrariasse e encostou em Cadu e Noé, que conversavam animadamente. Se a senhora sequer desconfiasse que ambos faziam parte do contrabando de docinhos e salgadinhos, com certeza os mataria.

— *Cadê* o Matheus? — perguntou ela, ao notar que não parecia muito preocupado com a criança.

Quase duas semanas depois de descobrir sobre o seu filho, dona Gracinha já tinha se cansado da novidade e tratava o assunto com naturalidade, para compensar a primeira semana, que o bombardeou com todo tipo de pergunta para poder repassar aos amigos e vizinhos.

— *Tá* brincando com as outras crianças — respondeu, com tanta certeza, que ele mesmo acreditou no que dizia. Na verdade, já tinha uns quinze minutos que nem ouvia a voz do garoto.

A mulher voltou a abandoná-los, para focar nos preparativos.

— Então, como eu *tava* dizendo, *tava* perdendo muito tempo mandando mensagem *pra* todos os *contatinhos* e tive uma grande ideia. — Noé tirou o celular do bolso e mostrou ao amigo. — Criei uma lista de transmissão com todas as gatas da minha lista de contato. Mulher adora receber mensagem de bom dia, cara.

— Eu não acredito nisso, Noé! — repreendeu-lhe Morena, aproximando-se dos dois. — Isso é tão ridículo que só podia ter saído de uma cabeça como a tua.

— Nem vem, Morena. Eu sou um gênio, isso sim! *Tu não concorda* comigo, Cadu?

Cadu queria dizer que achara a ideia mais do que genial, mas estava empenhado em executar seu plano de provar à amiga que estava amadurecendo. Por isso, repreendeu-o.

— Lamentável, Noé. Esperava mais de ti. — Balançou a cabeça para os lados, em total desaprovação.

Ambos o encararam com espanto, mas, antes que tivessem a chance de questionar sua atitude, um furacão de gritos e risadas infantis passou por eles, chamando a atenção para as crianças, que brincavam animadas.

— Oi, pai. Oi, tia Morena — disse Matheus, todo sorridente. — Sabia que meu pai *tá* cuidando bem direitinho de mim?

O sorriso fofo do menino, aliado à sua fala, encheram Cadu de orgulho. Ele estava cumprindo sua parte do plano exatamente como tinham combinado.

— Que bom, *né?* Acho que é meio que obrigação dele — respondeu,

cheia de sarcasmo, já entendendo tudo.

O menino deu uma risada e saiu correndo, mas voltou, logo em seguida, parecendo ter se lembrado de algo importante. Puxou a camisa do pai e perguntou, baixinho:

— Eu fiz direitinho?

O problema é que sua pergunta não saiu tão baixinha quanto deveria, o que fez Morena revirar os olhos e sair dali, irritada.

Alguém que estava no portão gritou, avisando que já estavam cantando a música de despedida na casa de dona Veva, o que significava que, dentro de poucos minutos, a comitiva chegaria.

Dona Gracinha correu para a frente da casa, arrastando seus filhos e Cadu junto a ela. A senhora sempre ficava ansiosa e animada e, assim que viu o grupo de pessoas se aproximando, sorriu, involuntariamente. Dona Veva, a vizinha da esquina, trazia a Bandeira em suas mãos, orgulhosa. O mastro branco de cerca de dois metros, segurava o tecido vermelho, com a imagem da pomba que simboliza o Divino Espírito Santo bordada com tons de branco e dourado e várias fitas coloridas.

A senhora beijou a bandeira, antes de segurá-la e a oferecer para que os filhos fizessem o mesmo que ela. Depois, guiou todos — cerca de trinta pessoas — para dentro de sua sala. Alguns se apertaram ali dentro, assistindo aos três homens que cantavam e tocavam em agradecimento a anfitriã, um com um violão, outro com uma rabeca e o último com um tambor.

Depois de alguns minutos de cantoria e rezas, finalmente foram para a cozinha. Morena tirou o bolo confeitado de dentro da geladeira e pôs sobre a mesa, para que a Imperatriz o cortasse e o café finalmente fosse servido.

Morena roubou alguns salgadinhos e se escondeu em um canto. Detestava aglomerações e como aquelas pessoas a faziam se sentir pouco à vontade em sua própria casa.

— Deus te abençoe, Morena. Tás tão linda! — disse uma das senhoras, aproximando-se dela.

Ela agradeceu o elogio, mesmo que não se lembrasse muito bem quem

era a mulher. Devia ser uma das amigas de sua mãe, da época que trabalhava na antiga fábrica de peixe.

— Tás casada já, *né*? — insistiu. — Uma mulher linda dessa tem que *tá* casada.

— Ainda não — respondeu, fingindo um sorriso. — Não encontrei meu príncipe encantado ainda.

Nesta hora, seu olhar buscou o amigo, que estava próximo à mesa, servindo-se de uma fatia de bolo. Não conseguiu conter o riso, ao ver Matheus puxando sua camiseta e pedindo também um pedaço para ele.

A verdade é que já tinha encontrado seu amor, mas, honestamente, Cadu estava muito mais para sapo do que príncipe. Um sapo infantil, irresponsável, imaturo e ridiculamente lindo e divertido. Não esperava que ele fosse perfeito, já que sabia que isso não existe, mas, com tanto defeito nesse mundo, por que ele tinha que ter aquele que mais lhe incomodava? Por que não podia ser menos bonito e agir como um adulto?

Desejava tanto que o choque da paternidade o fizesse mudar, mas estava cada vez menos esperançosa quanto a isso.

Indagava-se constantemente porque o mundo tinha que ser tão injusto com ela. Precisava de tão pouco para ser feliz e, mesmo assim, a vida parecia fazer questão de não querer lhe dar seus tão sonhados desejos. Se desse a ele a chance que ele vivia pedindo, poderia matar dois coelhos de uma vez só. Teria Cadu e Matheus, mas sabia que essa era a maneira errada de resolver as coisas.

— Decerto, ao invés de cavalo, ele deve *tá* vindo montado em uma tartaruga. — A senhora riu da própria piada e se afastou, indo conversar com outras pessoas.

Ficou ali, parada pensando em seus problemas, até ser incomodada por Cadu. Geralmente gostava da companhia do amigo, mas, naquele momento, queria esfregar sua cara no asfalto quente, até ele aprender a se comportar como um adulto.

— Que cara é essa? — indagou, com a boca cheia.

— Cara nenhuma. *Cadê* teu filho?

— *Tá* brincando por aí. — Deu de ombros.

— Engraçado... Pensei que *tu* tivesse cuidando direitinho dele — ironizou.

— *Égua*, Morena! Pensei que o Espírito Santo fosse te deixar em paz, não cheia de raiva.

— Me esquece, Cadu, por favor.

— Eu, hein!? Não *tá* mais aqui quem falou.

Ainda resmungando, deu-lhe as costas e voltou para perto de Noé. Talvez, longe dos olhares dela, até elogiasse a ideia ridícula do seu irmão.

Sentiu-se grata, quando viu aquele mundo de gente indo embora dali. Sua mãe estava levando a Bandeira até a próxima casa a receber a visita e, quando voltou, encontrou apenas a família em sua casa.

— Eu vou indo, que amanhã começa a aula do Matheus e eu tenho que acordar cedo — disse Cadu, em voz alta, sem disfarçar direito que só estava fazendo aquilo para que Morena pudesse ouvir.

— Vai com Deus, meu filho — desejou-lhe a senhora.

Cadu pegou o menino pela mão e seguiram até o carro. Prendeu o garoto ao assento especial, que teve que comprar, depois de levar uma multa na semana passada.

— E aí, pai? Agora a tia Morena volta a morar com a gente? — indagou o menino, esperançoso.

Na verdade, Cadu não tinha certeza se tinha feito um bom trabalho, mas precisava ser otimista.

Tinha certeza que ela não resistiria a sua nova versão, mesmo que ela não passasse de um teatro bem ensaiado.



capítulo 5

Naquela manhã, Cadu acordou mais cedo do que de costume. Levantou da cama, vestiu-se e tomou seu café, como fazia todos os dias.

A presença de Matheus, de uma forma geral, não foi um empecilho tão grande quanto imaginara. O menino até que não dava muito trabalho. Comia sozinho, tomava banho sozinho, dormia sozinho — no sofá, a maior parte do tempo, assistindo TV até bem tarde. Honestamente, com exceção das tagarelices da criança, era quase como se estivesse vivendo sua vida antiga. Apenas se certificava de deixá-lo na escola, pela manhã, depois, na casa da Talita, a menina que cuidava dele durante as tardes, e à noite, quando o buscava para levá-lo para casa novamente, só precisava lembrar de levar comida para os dois, geralmente algo que fosse rápido e barato, um *cheeseburger*, um pastel ou, quem sabe, uma bela pizza de calabresa — sem cebola, é claro.

Aos finais de semana, Morena e dona Gracinha quase sempre ficavam com o menino. Levavam-no para sua casa, na maior parte das vezes, mas, de vez em quando saíam para passear com ele, o que dava uma pequena folga para Cadu. Uma pequena folga de sua nova vida nada atribulada.

Mas naquela manhã, seus planos mudaram drasticamente, graças a uma notícia aterrorizante que recebera no dia anterior.

— Amanhã não vai ter aula — explicou o garoto, todo animado, assim que viu o pai.

Isso nunca tinha acontecido antes, neste quase um mês e, pela primeira vez, Cadu teria que o levar para o trabalho. Se fosse um dia normal, ainda não veria muito problema, mas tinha agendado uma visita a um edifício em construção, para acompanhar de perto a execução e resolver um probleminha ou outro.

É claro que tinha esgotado todas as possibilidades, pedindo a qualquer pessoa que tomasse conta dele. Morena trabalhava com ele, dona Gracinha tinha consulta no oftalmologista, Talita tinha aula... Definitivamente, estava sem opções.

Passou a madrugada em claro, pensando em como resolveria esse problema. Já tinha perdido a noite naquela semana, graças a um pesadelo de Matheus. Estava distraído naquela noite, conversando com um cliente e, quando percebeu, o menino já tinha assistido metade de um filme de terror. Só então lembrou-se de colocar senha em certos canais — e agradeceu por ele não ter resolvido xeretar nos canais adultos — para evitar possíveis acidentes.

A questão é que ele não parou de chorar. Cada vez que pegava no sono, era uma choradeira. Dona Gracinha aconselhou-o a levar o menino na casa do seu Manequinha, para que a sua esposa o benzesse de susto. Cadu nem acreditava muito nessas coisas, mas para não precisar passar mais uma noite em claro, resolveu se precaver.

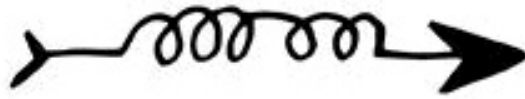
Pensava ainda no que ia fazer, quando Matheus apareceu na cozinha, já vestido, mas com os pés do tênis trocados e os cadarços desamarrados. Isso, ele ainda não conseguia fazer sozinho.

— Vem cá. Vamos arrumar esse tênis — disse, chamando o menino para perto. — Faz duas voltinhas e amarra, assim ó.

Tentou fazer bem devagar, para ele pudesse ver e repetir no outro tênis, mas depois de cinco tentativas frustradas, acabou finalizando o trabalho de uma vez. Serviu uma xícara de café com leite e uma fatia de pão com queijo para o garoto, que não parava de falar, animado, enquanto mastigava a comida, sobre como seria divertido passar a manhã trabalhando com Cadu — ainda que não fizesse a menor ideia do que fariam.

Já até se imaginava, contando aos colegas que passara a manhã ajudando

o pai no trabalho dele. Seria o melhor dia de todos, desde que chegara naquela casa.



Logo que chegou ao escritório — antes de Morena e Keyla —, pegou suas coisas em sua sala e voltou para o carro, apressado. Nem tirou Matheus do seu assento, porque isso o atrasaria. Pegou todas as pranchas que precisava e as entregou ao menino.

— Eu preciso que *tu cuide* desses papéis *pra* mim. Se *tu quer* me ajudar no meu trabalho, por enquanto, tua função é não perder isso, *tá* entendendo?

Assentindo com mais ênfase do que o necessário, segurou aquele monte de papeis em suas mãozinhas pequenas, como se fossem o mais precioso tesouro deste planeta. Queria mostrar para ele que poderia ajudá-lo, pois, desta forma, ele poderia trazê-lo mais vezes.

O terreno da construção não ficava muito longe dali, em menos de dez minutos já estavam estacionados próximos a um monte de barro, madeira, metal e pessoas andando para um lado e para o outro. O garoto se impressionou com o que via ali, porque nunca tinha chegado perto de algo tão impressionante. Era barulhento, sujo e cheio de coisas para descobrir. Sua curiosidade infantil gritava que tinha que ver o máximo de coisas, antes que fossem embora dali.

Cadu pegou os papeis da mão do garoto e foi em direção ao eletricista, não sem antes alertá-lo que era para tomar cuidado com o local.

Pedro era um dos eletricistas mais famosos da cidade, mas não pelos motivos certos. Há alguns anos, algumas crianças tinham pichado a placa com suas atribuições que ficava em frente à sua casa. Um mísero risquinho angulado, que transformou um C em G, tornando o *Eletricista e Encanador* em *Eletricista e Enganador*. Se ele realmente era picareta, Cadu não sabia, mas que a fama o acompanhou para sempre, isso é bem verdade.

Já estavam há alguns minutos resolvendo problemas, quando avistou o carro de Morena estacionando ali. Não conseguiu esconder a surpresa, porque

ela não costumava aparecer para visitar canteiros de obras das obras que não lhe diziam respeito.

— O que *tu tá* fazendo aqui? — perguntou, admirado.

— Vim aqui te ajudar, ora. Fiquei sabendo que hoje não tem aula e o Matheus *tá de varde*^[15] — explicou, aproximando-se.

Só então viu que o garotinho estava longe dos cuidados do pai e a mercê de todos os acidentes que aquele ambiente poderia proporcionar a uma criança de cinco anos.

Desesperada, saiu correndo, bagunçando ainda mais seu coque bagunçado. Voltou dentro de poucos minutos, puxando o menino pela mão e soltando fogo pelas ventas.

— *Tu tem merda* na cabeça, Carlos Eduardo? — indagou, possesso. — Deixar o menino solto nesse lugar. Sabia que ele pode se machucar?

Consternado e se sentindo um idiota, Cadu parou para pensar no tamanho na besteira que acabara de cometer. Estava pronto para dar uma desculpa, quando, ao olhar para o lado, viu sua salvação. Deixou Morena para trás e voltou, alguns segundos depois, com um capacete de segurança na mão. Colocou-o na cabeça de Matheus e cruzou os braços, orgulhoso de si mesmo.

— Pronto. Agora *tá* seguro.

Não existem palavras adequadas para descrever o olhar que a amiga lhe lançou, após sua atitude. Dizer que aquele olhar era raivoso, irado ou furioso não descreveriam com exatidão o que estava sentindo, nem de perto. Morena queria voar no pescoço dele e livrar o mundo daquele ser ridículo e inconsequente. Queria arrancar seus olhos com as unhas ou abrir seu crânio e tentar enfiar um pouquinho de juízo — um pouquinho de nada, que já seria muito mais do que ele possuía — lá dentro.

O eletricitista gargalhava tanto, que chegou a ter uma crise de tosse. O garotinho também não entendia nada, mas adorou o novo adereço que ostentava em sua cabeça.

— Eu vou levar o Matheus comigo, antes que eu acabe cometendo homicídio — resmungou, arrastando-o dali, sob seus intensos protestos.

Só quando já estavam bem longe dali, Cadu voltou a respirar normalmente.

— Ela tá assim ultimamente — explicou ao homem, que ainda ria dele.
— *Um siri na lata*^[16].



Era sexta-feira de tardezinha. Buscar Matheus na escola já fazia tão parte da rotina de Cadu, que não se lembrava mais como eram seus finais de tarde, antes disso, mesmo que fizesse pouco mais de dois meses que estivesse morando com ele.

Já estava mais que acostumado a ir até a sala de aula e buscá-lo lá dentro. Observou-o alguns minutos, enquanto o garoto corria, usando seu capacete de obra. Desde a visita à construção, o garoto não parou de lhe importunar, querendo um capacete para ficar igual a ele. Todas as sextas, dia em que podiam levar algum brinquedo para a escola, era sempre o *brinquedo* escolhido.

Assim que viu o pai, parado na porta, abriu um sorriso radiante e correu até ele, depois de pegar sua mochila, pendurada na parede.

— Eu fiz um desenho *pra* você — disse, assim que parou em frente a ele.

Ele deixou a mochila no chão, abriu e pegou uma folha de papel amassada, com alguns rabiscos estranhos e lhe entregou. Cadu segurou o desenho nas mãos e o observou atentamente por alguns segundos, girou ele, mas não conseguia entender nada.

— É um prédio — o garoto explicou. — Igual aquele que a gente foi naquele dia. Quando eu crescer, quero desenhar prédios também!

Cadu levou algum tempo para absorver cada palavra mal pronunciada

no menino a sua frente, mas, quando isso aconteceu, foi tomado por uma emoção esquisita. Seu coração se aqueceu de uma forma estranha e sentiu um orgulho crescendo em seu peito. Ao mesmo tempo, sentiu uma pontada no coração. Uma pontada dolorosa e muito incômoda chamada culpa.

O garotinho estava tentando lhe imitar. Logo ele, que não era exemplo para ninguém. Logo ele, que praticamente ignorava o menino e desejava que sua vida voltasse a ser o que era antes. Logo ele, que, definitivamente, não merecia toda essa devoção.

— Que foi? — insistiu Matheus, preocupado. — Não gostou do desenho?

— Não é nada disso, eu gostei — retrucou, engolindo em seco o nó que se formara em sua garganta. — Na verdade, eu gostei muito.

E sorriu. Um sorriso verdadeiro e carregado da felicidade incomum que lhe assolava. Pegou o menino no colo e lhe devolveu o desenho.

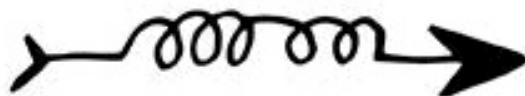
— *Tu é* muito bom desenhando prédios, sabia? Acho que, quando a gente chegar em casa, vou te ensinar como desenhar prédios no computador — sugeriu.

— É sério? — tornou o garoto, estupefato e entusiasmado.

— Só vamos combinar uma coisa. *Tu não pode* fazer melhor do que eu, senão vão querer que *tu trabalhe* no escritório no meu lugar, combinado? — sussurra, como se fosse um segredo.

Matheus assente, incrivelmente feliz e já começa a fazer planos sobre prédios de mil andares, com piscinas, parquinhos e todas as coisas legais que um prédio deve ter.

E, pela primeira vez, desde que descobrira que tem um filho, Cadu sentiu que estava fazendo a coisa certa. Pela primeira vez, estava gostando, de verdade, de ter o garoto por perto.



Logo que chegaram em casa, o menino já correu até o computador,

ansioso para poder aprender logo. Cadu teve trabalho para fazê-lo comer alguma coisa e tirar o capacete da cabeça.

— Olha só, *tu não me viu* lá no escritório usando capacete, *né*? Capacete a gente só usa quando vai visitar obra — explicou, pacientemente.

Para sua surpresa, ele entendeu perfeitamente e o guardou, perto da cama. O computador ainda estava sendo ligado, mas o garotinho já estava empoleirado, perto dele, para não perder nenhum detalhe. Balançando a cabeça, sem conter o riso, Cadu o colocou sentado sobre sua perna, para que ele pudesse ver.

É claro que não ia verdadeiramente mostrar-lhe como fazer desenhos técnicos, por isso, abriu o *Paint* e mostrou ao garoto como fazer linhas, desenhos livres, círculos e como colorir. Ele observava tudo tão atentamente, que não demorou para pegar os truques e logo estavam os dois fazendo desenhos incrivelmente irreais, sobre casas circulares, prédios em formato de pizza, piscinas de ketchup e todo tipo de ideia absurda e divertida.

Já estavam ali há tantas horas, que só quando Matheus bocejou, deu-se conta que já estava tarde e se sentiu triste ao ter que interromper a brincadeira. Não se lembrava da última vez que se divertira tanto com algo tão simples.

Era a primeira vez que se divertia com a presença do garoto.

— Agora é hora de dormir — disse, desligando o computador. — Amanhã a gente faz mais.

— Mas amanhã eu vou na casa da tia Morena — queixou-se, desanimado.

Por alguma razão desconhecida, Cadu também se sentiu um pouco desanimado com a notícia. Por alguma razão, uma parte dele queria poder se divertir ao lado do garoto novamente.

— É só dizer *pra* ela que *tu não quer* ir. — Deu de ombros.

— Mas eu quero ir. A tia Morena sempre conta uma história antes de dormir, igual a minha mãe fazia — explica.

Aquela era a primeira vez que ele falava sobre a mãe na presença de Cadu e não pôde deixar de se perguntar se ele falava sobre ela quando estava

com Morena.

Aquele era um dia de muitas primeiras vezes.

O nó em sua garganta voltou a se tornar incômodo e precisou engoli-lo, desta vez, com mais esforço do que antes.

Estavam morando sob o mesmo teto há muito tempo, mas não ele não conhecia nada sobre a vida do próprio filho e isso era, no mínimo, vergonhoso. Não sabia se ele sentia saudade de pessoas que deixara em Curitiba, não sabia para qual time o menino torcia, não sabia nada de nada sobre nada.

Bom, pelo menos, sabia que ele não gostava de cebola.

E esse simples pensamento, ao invés de lhe trazer conforto, só lhe deixou ainda mais para baixo. Estava fazendo de novo. Estava tentando tirar a culpa de si, achando um consolo em meio à sua confusão, procurando uma razão para achar que estava fazendo algo certo, quando, na verdade, estava fazendo tudo o mais errado possível.

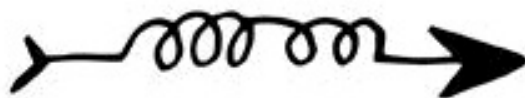
As palavras de Morena sobre sua imaturidade e irresponsabilidade e todos os defeitos que ele sabia que possuía voltaram à sua mente, mas, ao contrário das outras vezes, aquelas palavras não só o atormentaram. Desta vez, as palavras lhe feriram, porque, pela primeira vez, compreendia que suas atitudes foram egoístas e mesquinhas. E para tornar tudo pior, mesmo agindo como um babaca na maior parte do tempo, o menino parecia lhe venerar.

O que o garoto via nele?

Se ele simplesmente o odiasse ou lhe xingasse não se sentiria tão mal. Tudo seria mais fácil.

Mas não, o garoto tinha que lhe encarar com os olhos brilhando de um orgulho que ele, definitivamente, não era merecedor.

Tinha que fazer algo para mudar essa situação. Tinha que agir, antes que o garoto também percebesse que ele era um caso perdido.



No sábado, pela manhã, levou o garoto até o carro de Morena, que já estava lá embaixo. Estava exausto, pelas poucas horas de sono. Não admitiria que tinha passado boa parte da madrugada pesquisando vídeos da *Super Nanny* na internet, para aprender a lidar com uma criança em casa. Na verdade, se alguém sequer desconfiasse disso, estava perdido. Chegou a deletar o histórico de buscas, com medo que sua pesquisa caísse em mãos erradas.

— Que cara é essa, Cadu? Não dormiu direito? — indagou a amiga, assim que o viu.

— É que ontem a gente ficou até tarde desenhando prédio, *né*, pai?

Morena lhe lançou um olhar curioso, divertido e até atônito, mas com uma pontinha quase insignificante de admiração.

— É, mesmo?

— É verdade! Ele me ensinou a desenhar prédio, mas disse que eu não posso ficar muito bom, senão você vai querer me colocar no lugar dele. — Essa última parte foi dita em um sussurro, como se tivesse medo que isso se concretizasse, caso falasse em voz alta.

Cadu levou o indicador aos lábios, pedindo silêncio ao menino e dando uma piscadinha.

O menino tentou retribuir, mas acabou piscando os dois olhos ao mesmo tempo, arrancando risadas dos adultos.

— A gente vai indo — ela avisou.

Deu um sorriso sincero na direção dele e pegou o menino pela mão.

E pela primeira vez, desde que Matheus surgira em sua vida, sentiu que tinha acertado em alguma coisa.



Apesar de o verão já ter acabado oficialmente, os dias de calor estavam longe do fim. E nada melhor do que passar uma manhã de domingo curtindo os prazeres que só a praia pode proporcionar. E com a presença de Morena, esse programa se tornara muito mais interessante. Cadu aproveitava-se dos óculos escuros para observar com atenção o corpo da mulher ao seu lado, sem ser notado. Ouvia-a se queixando o tempo todo sobre seu corpo e os quilos a mais que tanto a incomodavam, mas discordava totalmente de sua opinião. Para ele, ela era e sempre seria perfeita, com suas curvas acentuadas e tudo. Amava o pacote completo.

Matheus brincava próximo a eles, fazendo um buraco e se zangando a cada vez que a maré o enchia de água e areia.

As águas calmas da Praia Alegre eram o local perfeito para levar uma criança, sem precisar se preocupar o tempo todo, caso ele quisesse molhar mais do que só os tornozelos, como Morena lhe orientara. Além do mais, Matheus ainda não tinha muito confiança no que dizia respeito ao mar. Tinha muito receio e só entrava lá, se acompanhado de algum adulto.

— Eu tô morrendo de sede. Vou ali comprar uma água de coco *pra gente, tá?*

Morena nem esperou pela resposta e já saiu, em direção à barraquinha, deixando Cadu de olho no menino, que ainda estava entretido com seu buraco sem fim.

Só tirou os olhos do garoto, quando uma moça jovem e muito bonita se aproximou dele. Levantou os óculos e perguntou:

— Que horas são, querido?

Ele estava sem relógio, por isso, precisou vasculhar na bolsa de Morena, para encontrar seu celular e verificar as horas para a moça, que agradeceu e foi embora. Virou-se, discretamente, para pode observá-la saindo dali, mas, quando voltou seus olhos para frente, sentiu seu estômago congelar.

Matheus não estava mais ali.

Levantou-se em um salto, sentindo o coração batendo forte contra o peito e um medo lacerante espalhando por cada célula de seu corpo. Caminhou até onde o garotinho estava há poucos segundos, mas não o via em lugar nenhum.

Como ele podia ter sumido em tão pouco tempo?

Andou alguns metros para cada lado, sentido uma sensação insuportavelmente angustiante em seu peito. Algo que não se lembrava de já ter sentido.

Desespero.

Estava tão desesperado, que Morena veio correndo até ele, ao ver sua expressão de horror.

— O que foi, Cadu?

— O Matheus... — sibilou, sem conseguir formular uma frase completa.

O pavor se transferiu para o rosto dela também ao compreender a gravidade da situação. Olhavam para os lados, corriam pela areia, imaginando todas as piores possibilidades que poderiam explicar seu sumiço.

Estavam prontos para ligar para a polícia, quando Matheus apareceu. Morena se ajoelhou para ver de perto, como se temesse que faltasse um pedaço de seu corpo. Cadu se deixou cair na cadeira, em um misto de exaustão e alívio.

— Onde *tu tava*? — ela perguntou.

— Fui ali buscar uma folha para colocar no meu castelo — explicou,

sem entender toda aquela comoção.

A mulher assentiu e se levantou, então lançou um olhar mortal na direção de Cadu. Estava cansada da falta de comprometimento dele. Pensara, mesmo por alguns instantes, que ele estava tomando jeito, mas, como sempre, era só ilusão.

Enquanto sua irresponsabilidade patológica fosse um empecilho apenas para ela, tudo bem. O problema é que a vida de uma criança estava em jogo e não ia admitir que ele continuasse achando que aquilo estava certo.

Estava na hora de fazer alguma coisa.

— Eu não sei como cheguei a pensar que *tu tinha* jeito — declarou, despejando toda sua indignação sobre ele.

— Como é? — tornou, sem entender.

— É isso, mesmo, Cadu. Acha que eu não vi, que *tu só perdeu* o Matheus, porque *tava* de conversinha com aquela ali? — disse, apontando para a direção em que a moça andava.

— Conversinha? Eu só disse as horas *pra* ela, Morena. Não fala do que *tu não sabe* — defendeu-se, irritado.

— Eu *tô* cansada, sabia? Cansada desse teu jeito, de todas as tuas desculpas esfarrapadas, do jeito como *tu age*, sempre jogando as responsabilidades no colo dos outros.

Se ela estava cansada do seu jeito, ele também estava de saco cheio de suas grosserias e patadas. Não é porque era apaixonado por ela, que teria que aturar suas lições de moral, principalmente quando não tinha culpa. Levantou-se da cadeira e disparou:

— Cuida da tua vida, porque o Matheus é meu filho e *tu não tem* nada a ver com isso.

Com a atitude inesperada, Morena vacilou e deu um passo para trás.

— Eu não aguento mais te ouvir *reinando*^[17] por causa do meu filho, querendo me ensinar como cuidar dele. Eu não sou rapaz pequeno, nem teu saco de pancada, não, Morena — continuou, a indignação o consumindo a cada instante.

— Que culpa eu tenho se *tu não tem* a menor condição de cuidar de uma criança?

— Poxa, olha só que mundo injusto! — insistiu, cheio de sarcasmo — Porque o cara que não tem a menor condição de cuidar de uma criança é quem tem um filho, ao contrário de ti.

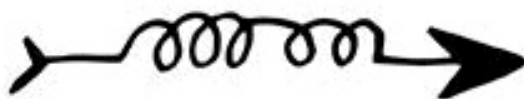
A chama raivosa que queimava nos olhos de Morena se apagou, assim que ouviu as palavras que saíram da boca de Cadu. Foi assolada por tantos sentimentos de uma só vez, que teria dificuldade em nomear um por um, mas três deles eram muito óbvios: surpresa, dor e mágoa.

Não conseguia acreditar que ele estava jogando na sua cara sua maior tristeza, como se fosse sua culpa. Não conseguia acreditar que seu amigo — aquele, com o maior coração do mundo — estava a ferindo de propósito. Simplesmente não conseguia acreditar.

Levou alguns segundos para que seu cérebro processasse a informação e lhe desse o comando do que fazer a seguir. Nunca pensou que precisaria lidar com isso.

Sem dizer uma palavra sequer, pegou sua bolsa e deixou a praia, Cadu e Matheus para trás, sem nenhuma despedida.

Em todos os anos de amizade, era a primeira vez que brigavam desse jeito — já que era a primeira vez que Cadu revidava — e, assim que a viu indo embora, perguntou-se se desta vez teria volta, porque algo dentro dele gritava que a resposta era um bom e sonoro não.



Durante a madrugada, Cadu virava de um lado para o outro, revivendo pela centésima vez a briga daquela manhã. Percebia que tinha sido cruel ao dizer aquelas palavras, mas com exceção da sua última frase cheia de rancor e ironia, não se arrependia de ter, finalmente, colocado-a em seu devido lugar.

Era um adulto e precisava ser tratado como tal e, logo agora, que estava tentando fazer as coisas direito, não admitiria tamanha injustiça vinda de uma

pessoa que amava tanto.

Batidinhas na sua porta quebraram sua linha de raciocínio. Matheus estava ali e o silêncio que reinava no apartamento permitiu que ele ouvisse seu choro.

— O que foi? — perguntou, assim que abriu a porta e viu o menino.

— Eu tô com saudade da minha mãe — murmurou, entre soluços.

Sem pensar duas vezes, pegou o menino no colo e o levou para a cama com ele.

— Eu também tenho saudade da minha mãe — sussurrou, quando já estavam deitados.

— Ela também virou estrelinha?

Cadu não conseguiu conter o sorriso ao ouvir aquilo. Era uma boa forma de descrever a situação.

— Virou, faz bastante tempo.

Não sabia o que dizer para consolar o filho e notou que essa era uma constante na relação entre eles. Nunca sabia o que dizer ou como agir.

— Eu posso dormir aqui com você? — perguntou, receoso.

— Claro que pode, filho.

Parecendo um pouco mais calmo, o menino se ajeitou na cama e não tardou a dormir. Enquanto isso, Cadu voltou a pensar em Morena. Indagava-se se ela também teria perdido o sono por sua causa e quando a situação entre eles se resolveria, porque, desta vez, não daria o braço a torcer.

E sabia que ela também não daria.



Muitas coisas mudaram em dois meses.

A relação entre Cadu e Matheus se fortalecia a cada dia, embora ele ainda fosse bem atrapalhado nesse negócio de ser pai. O menino desenvolvera uma espécie de alergia e, quando descobriram que a péssima alimentação que era a responsável, Cadu levou uma bronca da pediatra e precisou dar um jeito naquilo. Preciso de muitas horas de vídeos no *Youtube* para aprender a cozinhar e algumas panelas jogadas foram, até alcançar o nível *comível*.

O quarto improvisado do garoto também precisou ser arrumado. Era injusto deixá-lo dormindo no seu escritório até completar dezoito anos, por isso, montou um quarto apropriado para ele naquele espaço, com direito a tão sonhada cama do Hulk — uma feita sob medida, desta vez.

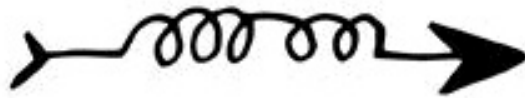
Eles passavam mais tempo juntos, descobrindo mais coisas sobre o outro. Cadu também teve que aprender a colocar certos limites no filho, coisa que não fazia a menor ideia de como fazer — os vídeos da *Super Nanny* foram bem úteis, neste caso.

A única coisa que parecia não ter sofrido nenhuma alteração nesse tempo era a briga com Morena. Viam-se diariamente no escritório, mas conversavam apenas o estritamente necessário. Dizer que pareciam estranhos seria um eufemismo dos grandes, porque até mesmo pessoas que acabaram de se conhecer pareceriam mais entrosadas que aqueles dois.

Cadu ainda achava que a amiga tinha passado dos limites, mas já não sentia mais raiva dela. Na verdade, só sentia vergonha por tê-la ofendido daquela forma.

Morena, por sua vez, ainda estava magoada, mas sabia, lá no fundo, que ele tinha razão. Resolveu se afastar para deixar que ele cuidasse da sua vida. Percebeu que também era culpada pelas atitudes irresponsáveis do amigo, já que vivia cobrindo seus rastros e arrumando sua bagunça. Como poderia cobrar que ele amadurecesse, se não o deixava livre para tomar as próprias decisões e arcar com as consequências das escolhas erradas que fizesse? Para garantir, fazia questão de monitorar Matheus de perto e ainda o via com bastante frequência, mas, para sua surpresa, parecia que as coisas estavam indo bem.

Nenhum dos dois parecia feliz, mas pensavam estar fazendo a coisa certa e esse era o problema.



A TV estava em um volume insuportavelmente alto e Cadu já tinha mandando o filho abaixá-lo algumas vezes. Estava ocupado se revezando entre não deixar o macarrão cozinhar demais e responder um cliente no *Whatsapp* e já estava a ponto de dar uma bronca no menino, antes que algum vizinho reclamasse do barulho.

Era sábado à noite e tinha prometido que os dois assistiriam a um filme assim que jantassem.

O menino estava pulando do braço do sofá, fingindo ser o personagem do desenho animado que assistia, quando Cadu o chamou em tom de repreensão, o que o fez vacilar na hora do salto. A cena subsequente aconteceu em câmera lenta, bem diante dos olhos dele. Em vez de cair de pé sobre o tapete, como vinha fazendo nos últimos minutos, escorregou e se estatelou sobre o piso de mau jeito.

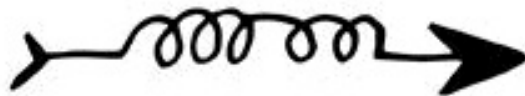
Logo que tocou o chão, abriu um berreiro e se levantou, mostrando que o seu antebraço direito estava em ângulo angustiantemente estranho.

Alguns poucos segundos separaram o momento em que Cadu observou tudo, do instante em que se deu conta que o que acabara de acontecer era grave. Só teve tempo de pensar em desligar a panela que estava no fogo e correu dali, com o menino, que não parava de chorar e gritar, nos braços.

Não sabia o que fazer para acabar com a dor do filho. Se houvesse uma forma de tomar sua dor emprestada, faria sem pensar duas vezes, porque ver o garotinho naquela situação era algo que o machucava profundamente.

Antes de dar partida no carro, colocou o menino no assento e tentou lhe orientar a segurar o braço, para que não mexesse tanto e parasse de doer. Em menos de cinco minutos estava estacionando o carro de qualquer jeito, ocupando duas vagas, só para evitar prolongar o sofrimento do menino.

O Pronto Atendimento estava vazio e, ao ouvir o escândalo, algumas enfermeiras já apareceram e prestaram o primeiro atendimento. Depois de fazer o Raio-X e imobilizar o braço do garoto, a choradeira parou instantaneamente, junto com a apreensão que esmagava o coração de Cadu.



Olhando-se no espelho, Morena estava indecisa entre a cor do batom que usaria.

Vermelho ou marrom?

Preferia a primeira opção, mas, honestamente, estava em dúvida.

Não saía para jantar com um cara há bastante tempo e estava ansiosa e insegura quanto a isso, ainda que esses sentimentos a fizessem se sentir ridícula.

— Mãe! — gritou, indo atrás dela na cozinha. — Qual dos dois eu escolho?

Estacou ao perceber que a mãe estava no telefone e girou nos calcanhares, voltando para o quarto. Olhou uma última vez para os batons em sua mão e escolheu o vermelho. Aplicou-o cuidadosamente sobre os lábios e gostou da imagem que a encarava no espelho. Estava ótima.

— Vai com esse batom? — perguntou-lhe a mãe, parada na porta. — O marrom é mais bonito.

Morena revirou os olhos, irritada com o conselho tardio. Pensou em mudar, mas já estava em cima da hora.

— O Cadu *tá* lá no postinho, sabia? — soltou, como quem não quer nada.

Morena piscou algumas vezes, tentando entender qual a relação disso com o que estavam conversando há alguns segundos. Só quando ia lhe perguntar sobre isso, deu-se conta da gravidade da situação.

— No postinho? Fazendo o quê?

— Parece que o Matheus se machucou, não sei direito. A Mariquinha que me contou.

Sem dar nenhuma satisfação para a mãe, que ainda falava, Morena pegou a chave do carro e saiu às pressas. Se estavam no PA em um sábado à noite, tinha certeza que algo de grave tinha acontecido.

Sequer lembrou-se da briga que tiveram ou de todo o tempo que passaram mal se falando. Naquele momento, sua única preocupação era sobre o que tinha acontecido. Ainda conseguiu raciocinar com clareza por um instante e ligou para cancelar o encontro.

Chegou a tempo de encontrá-los ainda no local. Na verdade, Cadu estava na recepção, resolvendo algum detalhe.

— O que aconteceu, Cadu? — perguntou, preocupada.

Surpreso, por ver a amiga ali, ficou a encarando, sem dizer nada, por algum tempo.

Então, antes de responder, fechou a cara e tomou uma postura defensiva, porque já imaginava que ela se acharia no direito de lhe dar uma bronca.

Como o amigo não respondia, olhou por cima do ombro dele, para dentro do corredor e sentiu o coração se apertar ao ver o garotinho com o braço engessado, acompanhado da enfermeira.

— Meu Deus do céu! — exclamou, correndo até ele e se ajoelhando na sua frente. — O que aconteceu?

— Olha, tia Morena! Eu quebrei o braço — explica o menino, analisando o gesso animado. — Mas agora não *tá* mais doendo.

Levantou-se do chão, pronta para conversar com Cadu e entender exatamente o que tinha acontecido, mas sentiu uma pontada dolorosa no peito, quando ele segurou o menino pela mão e o levou dali, depois de uma despedida nada calorosa.

Depois de todo esse tempo ele ainda estava com raiva dela e essa constatação a machucou profundamente. Voltou para o carro, arrasada e triste, mas, antes de tomar o caminho de casa, decidiu que era hora de resolver esse problema de uma vez por todas.

Não queria passar o resto da vida longe dos dois.

E para evitar que isso acontecesse, já passara da hora de tomar uma atitude.



Cadu estava cansado e com a cabeça explodindo, depois do susto daquela noite. Ficou ainda mais desanimado ao ver o macarrão, que já tinha virado uma papa, dentro da panela com água.

Sem pensar duas vezes, tirou o celular dos bolso e estava pronto para pedir alguma coisa, quando o interfone tocou.

Já sabia quem poderia ser e, definitivamente, não estava com o menor clima para ouvir as grosserias da amiga.

— Oi — disse ela, assim que ele colocou o aparelho no ouvido.

— Olha só, Morena. Eu não tô legal, minha cabeça *tá* me matando e eu não tô no clima *pra* ouvir tua *enchecção de saco*.

— Calma, *cheiro*. Eu não vim brigar. Só vim trazer comida e ver como vocês estão.

Cadu vacilou ao ouvir a voz serena da amiga. Não se parecia em nada com os ataques que ouvira das últimas vezes que brigaram. Só por isso, permitiu sua entrada.

Assim que abriu a porta e a viu ali parada, percebeu alguns detalhes que tinham passado despercebidos no Pronto Atendimento. Notou que ela estava arrumada, bem vestida, maquiada, perfumada... Na sua opinião, ela sempre estava linda, mas quando se arrumava desse jeito... Caramba! Conseguiu deixá-lo ainda mais bobo por ela.

— Posso entrar?

— Pode — respondeu, fingindo ainda estar chateado.

Depois de ser chamado de *cheiro* e vê-la mais linda do que nunca, nem se lembrava mais de nenhuma briga, mas precisava manter a postura.

— Oi, tia! — cumprimentou-lhe o menino, todo contente. — Veio jantar com a gente? Meu pai deixou o macarrão estragar e a gente ia pedir pizza, mas a doutora Ju disse que eu não posso mais comer pizza, então meu pai pediu *pra* eu não contar *pra* ela. Não pode contar *pra* ela, tá?

Sem segurar uma risada, Morena concordou e colocou os potes que trouxera da casa da mãe sobre a mesa.

Não pôde deixar de notar que a casa estava bem diferente da última vez que estivera ali. Além dos brinquedos no chão da sala, havia um desenho pendurado na geladeira por um ímã. Parecia ser um prédio ou algum tipo de construção.

— E como *tá* esse braço? Doendo muito?

Depois de negar com a cabeça, saiu correndo pela casa, alegando ter que buscar um desenho que fizera para ela em algum momento, na escola.

Conforme foi abrindo os potes e os servindo em pratos, Cadu observou tudo de longe, de braços cruzados.

— O que tem aí?

— Aquele empadão de camarão que *tu adora*. A mãe tinha acabado de fazer — explica, enquanto o cheiro se espalhava pela casa.

Empadão de camarão era o golpe mais baixo que Morena poderia dar para colocar as defesas do amigo abaixo. Era um truque sujo que ela não se envergonhava nem um pouco de ter utilizado, principalmente, porque parecia estar funcionando.

— O Matheus não gosta de camarão — respondeu, desconfiado.

— Eu sei. Por isso, trouxe uma coxinha da dona Sandra *pra* ele. — Sorriu.

Rendido, Cadu deu de ombros e se sentou.

— Conseguisse se acertar com o Miguel? — perguntou, despretensiosa.
— Eu soube que vocês não estavam em sintonia.

— Eu *tava* tentando convencer aquele *excomungado*^[18] que ele não pode começar a obra ainda, mas *tu sabe* como ele é, *né*?

— Ô, se sei. Aquilo lá é um *cu de encrenca*^[19]. Deus me livre!

— Ô, tia! Eu não achei o desenho, daí fiz outro *pra* ti, ó. — Estendeu-lhe um papel meio amassado, com mais um prédio desenhado.

A fixação do menino por prédios era inegável.

Mas o que mais chamou sua atenção, era a forma como o menino falava. Estava pegando o sotaque do pai, aos poucos, e isso era, no mínimo, bem engraçado.

— Essa coxinha é *pra* mim? — insistiu.

— É. Eu comprei lá na dona Sandra *pra* ti.

Extasiado, o garoto se sentou à mesa com eles e começou a contar suas histórias para ela, enquanto mastigava a coxinha. Contou sobre seus amigos da escola, sobre os planos de desenhar prédios igual ao pai, sobre a professora, sobre a doutora Ju que não o deixava comer pizza, nem X-salada, nem cachorro-quente, mas que, às vezes — quase nunca —, o pai o deixava comer, mesmo assim.

Morena se sentiu grata pela companhia do garoto. Sempre gostou dele, mas naquele momento específico, agradeceu ainda mais pela presença do pequeno. Se não fosse ele, teria que lidar com o clima extremamente chato que Cadu não estava fazendo o menor esforço para remediar.

Depois do jantar, quando, ainda sem conseguir manter uma conversa, os dois arrumavam a cozinha, Matheus foi para a sala assistir algum desenho. O único som era o da louça sendo lavada e da TV, que não estava muito alta.

— *Tu vai* mesmo fingir que não aconteceu nada? — Cadu quebrou o silêncio, depois de muito tempo. — Que *tá* tudo bem entre a gente?

— Não. Eu vim aqui porque não aguentava mais ficar longe de ti — confessou, encarando com afinco o prato que esfregava. — A gente *precisa* conversar.

Depois de terminar a louça, novamente em silêncio, os dois seguiram para a sala. Não ficaram surpresos ao encontrar o garoto dormindo no sofá e Cadu o levou para o quarto, antes de voltar para finalmente terem a tão aguardada conversa.

Assim que ele se sentou no sofá, próximo a ela, as palavras parecem ter desaparecido da boca de Morena, como se sua boca tivesse perdido a capacidade de falar, de uma hora para outra. Tinha ensaiado essa conversa tantas vezes em sua cabeça e, agora que estava prestes a colocá-la em prática, seu corpo lhe sabotava da forma mais vergonhosa possível.

— Eu também não aguentava mais ficar longe de ti — ele admitiu, depois de alguns segundos, pensando. — Eu me arrependo todos os dias daquela merda que eu te disse na praia. Me perdoa.

— Quem tem que pedir perdão aqui, sou eu — devolveu ela, cabisbaixa. — Eu não tinha nenhum direito de te dizer aquelas coisas, nem de te tratar daquele jeito. Eu *tava* estressada e ansiosa com o processo de adoção e *tava* frustrada também, porque, de um dia para o outro, *tu conseguiu* aquilo que eu mais sonhava na vida e parecia não se importar. Eu só *tava* indignada com o destino por ter aprontado uma dessas comigo e descontei minha raiva em ti.

Ela descalçou um dos sapatos e sentou por cima do pé, como se para ficar mais à vontade. Ela tinha mesmo esse costume de sentar sobre os próprios pés até ficarem dormentes.

— Eu ficava reclamando das tuas atitudes irresponsáveis, mas, lá no fundo, era minha culpa que *tu agisse* desse jeito — continuou, sem graça. — Eu reclamava, mas sempre limpava tuas cagadas. Nesse tempo que a gente ficou sem se ver, eu percebi que, na verdade, eu morria de medo de descobrir que não teria mais lugar *pra* mim na tua vida, se *tu crescesse*. Que *tu precisava* de mim e, quando não precisasse mais, eu não teria mais nenhuma serventia.

— *Tás tola?* Eu não consigo nem imaginar a minha vida sem ti, Morena — tornou, estupefato. — *Tu sabe* que eu te amo, que eu sou doido por ti, que tudo que eu mais sonhava era com uma chance... Agora *tu me vem* com essa? Onde já se viu?

— Eu também te amo, *cheiro*. Na verdade, acho que eu sempre te amei,

mas não tinha condições de ter um relacionamento com um cara que ia me deixar na mão o tempo todo. Eu *tava* esperando *tu* criar juízo... Se não fosse o Matheus aparecer, acho que eu ia morrer esperando. — Riu, parecendo mais descontraída do que antes. — *Tu tá* diferente, sabia?

— Eu acho que sim. — Deu de ombros, sem jeito. — Eu me sinto um pouco diferente. É engraçado que eu tenha me afeiçoado ao Matheus tão rápido, *né*? Até esses dias, nem dava bola *pra* ele e agora eu amo esse menino *pra* caralho.

Morena assentiu, enquanto sorria. Não sorria daquele jeito há semanas, assim como seu coração também não se aquecia dessa forma, desde a briga. Depois de tanto tempo, sentia-se novamente acolhida, como se todo esse tempo, tivesse vivido uma vida que não era dela, o que, de fato, era verdade. Uma vida sem Cadu por perto, não parecia sua vida.

Tocou-lhe o rosto, com certa cautela, sentindo na ponta dos dedos a irregularidade da barba por fazer e, finalmente, aproximou-se dele, até pouquíssimos centímetros separarem seus rostos.

— *Tu é* um *puta* sortudo, Cadu — sussurrou.

Só teve tempo de vê-lo balançando a cabeça, antes que suas bocas se encontrassem, primeiro de leve, depois, com todo o desejo que os assolou por tanto tempo. Eram uma confusão de mãos, lábios, sussurros e murmúrios, batom borrado e uma felicidade que nem cabia no peito.

— Acho que é melhor a gente ir *pro* quarto — ela sugeriu.

E assim o fizeram, entre beijos, passos desatentos e risadas. Morena, com apenas um sapato no pé, já que o outro ficara sobre o tapete da sala.

Assim que a porta foi fechada atrás deles, o clima divertido deu espaço a outro, mais sensual. Menos risadas, mais suspiros. Menos roupas, mais pele. Menos falas, mais beijos.

Já estavam na cama, quando batidas na porta os fizeram levantar, apressados.

— O que foi, Matheus? — perguntou Cadu, enquanto recobrava o fôlego.

— Eu tive um pesadelo — respondeu, choroso. — Posso dormir aí?

Morena cobriu a cabeça com o travesseiro, sem saber se ria ou chorava da situação. Cadu apenas se vestiu apressadamente para abrir a porta.

— Pesadelo, é? — indagou, abrindo apenas uma fresta, para que Morena pudesse se recompor. — Pode dormir, sim. Mas a Morena vai dormir aqui com a gente, *tá*?

Assim que abriu a porta, Morena deu dois tapinhas sobre a cama e o menino correu até lá, todo animado.

— A tia Morena vai voltar a morar com a gente, pai?

Sem conter um sorriso, ela deu de ombros.

— Ainda não, mas... quem sabe, *né*?



Um domingo de sol e calor é algo raro no mês de agosto. Matheus tivera a sorte de este dia coincidir com seu aniversário de seis anos.

Como presente, pediu que o levassem ao *Beto Carrero* e o menino não poderia estar mais eufórico, sonhando com as voltas e *loopings* da montanha-russa, ainda que Morena tivesse lhe explicado mil vezes que sua altura o impediria de aproveitar esses brinquedos mais radicais.

O parque estava lotado, as filas imensas, mas a animação do garotinho não se abalava.

Foram em todos os brinquedos adequados para sua idade, como rodagigante, trenzinho, inclusive em algumas montanhas-russas, para a felicidade do garoto. Foram em shows onde carros faziam coisas que não deveriam fazer, em que precisavam ajudar personagens de um desenho a fugir de uma famosa caçadora, misturado com atrações de circo incríveis, até mesmo em um em que uma mulher se transformava em macaco bem na frente de seus olhos — o que resultou em uma choradeira sem fim e vários minutos para acalmar o menino.

Estava sendo um dia incrível!

Os adultos tentavam acompanhar o ritmo de Matheus, sem sucesso. Tinham passado o dia andando por toda a extensão do parque, o que renderia fortes dores nas pernas no dia seguinte.

— Pai, eu quero um ursinho daquele. — Puxou o pai pela bainha da

camiseta, até chegarem a uma barraquinha de tiro ao alvo.

— Teu pai é péssimo de mira — explicou ela, tentando frear as expectativas dele.

— Então *vai tu!* — pediu, com aquela carinha que Morena jamais teria coragem de dizer um não.

— *Tá bom, tá bom.*

Pagou o homem que trabalhava ali, posicionou-se atrás da arma que soltava jatos de água e depois de alguns instantes, tentando entender a dinâmica do negócio, pegou o jeito e se mostrou uma excelente atiradora de armas d'água. No final das contas, não conseguiu o urso que Matheus queria, mas ganhou uma pelúcia um pouco mais modesta.

— *Desse um banho*^[20], Morena! — comemora Cadu, impressionado.

Fazendo uma dancinha da vitória, ela estendeu a mão aberta, para que Matheus e Cadu pudessem bater nela.

Morena não tinha muito do que se queixar do rumo que sua vida tinha tomado. Estava mais feliz do que podia imaginar que estaria. Cadu ainda dava uma escorregada aqui ou ali, mas agia como um adulto na maior parte do tempo, como uma pessoa normal. Matheus era o *enteado* sonho de consumo de qualquer mulher. Fofo, esperto e sempre ficava do seu lado quando discutia com Cadu.

Definitivamente, não tinha do que reclamar.

Ao ver uma mulher vendendo alguns balões, o menino perguntou se podia comprar um deles. Não deixou que nenhum adulto fosse até lá, porque queria fazer isso sozinho e os adultos ficaram o observando de longe.

— Será que já *tá* na hora de contar? — perguntou Cadu, assim que o menino já estava a uma distância segura o bastante para não ouvir a conversa. — Eu tô mordendo a língua o dia todo para não deixar escapar, sem querer.

— Assim que a gente sair, conta — respondeu ela. Então virou-se para ele e suspirou. — E se ele não gostar?

Vinham conversando sobre morarem juntos há algumas semanas, mas Morena sempre se mostrava insegura com a opinião do menino. Sabia que era

um medo ridículo, porque o garotinho a amava e não fazia a menor questão de esconder, mas, ainda assim, sentia-se hesitante.

— Tás tola? Ele vai adorar, *cheiro*. Ele te ama. Acho que ele puxou isso de mim — brincou, divertido.

— Se ele gostar, mesmo, a gente podia sair *pra* comer alguma coisa e depois deixar ele lá na casa da mãe, *né*? — Deu uma piscadinha, cheia de segundas intenções.

— Ah, mas ele vai gostar, nem que seja na marra! — devolveu, com um sorriso travesso nos lábios.

Morena lhe deu um tapinha no ombro, punindo-o pela brincadeira.

— O que ele fez dessa vez? — indagou-lhe o menino, já sabendo que o tapa fora merecido.

Vindo dele, sempre era.

— Teu pai fala muita besteira, sabia?

O garotinho assentiu e abriu um sorriso banguela. E dali, resolveram que era hora de ir embora. Morena sentia seu estômago ficando cada vez mais gelado, a cada passo que dava em direção à saída. Quando estavam já na frente do famoso castelo colorido, Cadu resolveu adiantar as coisas.

— A Morena tem uma coisa *pra* te falar, filho.

Indignada com a falta de tato do namorado, deu-lhe uma cotovelada no braço, punindo-o pela euforia em demasia.

— O que foi? — indagou-lhe o menino.

Tinha imaginado aquela conversa na sua cabeça umas mil vezes, mas, agora que estava prestes a colocá-la em prática, sentia-se ridícula e sem saber o que fazer. Tinha certeza que ele ia gostar da novidade, ela também estava contente, mas, por alguma razão, estava com medo da reação do menino.

Então, prendeu a respiração por alguns segundos e soltou, de uma só vez:

— Teu pai me convidou *pra* morar com vocês de novo e eu aceitei.

Logo que as palavras dela alcançaram seu ouvido, Matheus já começou

a pular e comemorar pela novidade. Ficou tão entusiasmado, que, sem querer, soltou o balão, que saiu voando para o além e nem chorou. Aquela notícia valia mais do que todos os balões do mundo!

— Gostou da novidade, filho? — perguntou Cadu, lançando um olhar cheio de significados para Morena.

— Eu adorei! Vai ser muito legal, a gente vai poder desenhar até tarde e fazer bolo de cenoura todo dia!

Quando entraram no carro, ainda riam dos planos mirabolantes do garoto sobre a estadia permanente de Morena na casa deles. De repente, o menino ficou sério e quieto.

— O que foi, Matheus?

— Pai, a tia Morena é tua namorada, *né*? Agora que ela vai morar lá em casa, vai ser minha mãe também?

Todo o sangue do rosto de Morena fluiu para outras partes do seu corpo. Não pensou que ele faria esse tipo de ligação e nem sabia o que responder.

— Então, Matheus... — começou, sentindo-se meio zozado.

— Porque ia ser demais, *né*? — interrompeu-lhe, retornando ao estado de alegria de alguns segundos atrás. — Morar com meu pai e minha mãe. Minha outra mãe, *né*? Porque a primeira *tá* lá no céu.

O garotinho continuou listando todas as atividades, ininterruptamente, por quase todo o caminho. O coração de Morena ainda batucava em seu peito, desenfreado, mas não mais de apreensão, mas sim da mais pura felicidade.

Sorriu ao sentir a mão de Cadu buscando a sua e entrelaçando seus dedos.

— Eu te amo — ele disse, tão baixinho que precisou ler seus lábios.

— Também te amo — respondeu.

E por todo o caminho para casa, não conseguiu tirar o sorriso do rosto, porque sentia que seu coração podia explodir a qualquer instante, tamanha felicidade que sentia.



DOIS ANOS DEPOIS

— Matheus, tua mãe já não mandou parar de ficar fazendo *bobiça*^[21] *pra* tua irmã? — ralhou Cadu pela terceira vez.

Olhou o filho pelo retrovisor, tentando fazê-lo parar de fazer sons estranhos e contorcer o rosto sobre o bebê-conforto.

— Eu não *tô* fazendo bobiça, pai. Só *tô* ensinando ela a fazer careta — explicou-se, como se fosse algo óbvio.

Ninguém podia culpar o garoto por ainda estar tão animado com a ideia de uma irmãzinha. Estava ansioso para que Duda crescesse logo e pudesse aprender com ele todos os truques e brincadeiras que conhecia, mas ela ainda nem andava direito. Conversar, então... Nem se fala!

Nem uma caretinha sequer. Só balbuciava coisas ininteligíveis e chorava.

— Ainda vai demorar muito *pra* ela crescer e brincar comigo? — insistiu.

— Vai demorar um pouquinho. Nós já conversamos sobre isso, lembra?

Quase um mês após a adoção, todos eles ainda estavam se adaptando à nova rotina. Não podiam dizer que as coisas estavam fáceis, mas também não seriam ingratos de negar que estavam muito felizes.

O processo de adoção tinha demorado bastante, como a assistente social havia explicado, já no início. Desde que soubera que um irmãozinho ou irmãzinha estava a caminho — mesmo que de maneira não tradicional —, Matheus não deixou de perguntar, nem um dia sequer, quando isso aconteceria. Queria alguém para brincar e dividir suas aventuras e descobertas. Viver com Cadu e Morena — seus novos pais — era maravilhoso, mas sentia falta de uma criança, de vez em quando.

— Pai, será que a Duda também vai querer desenhar prédios igual a gente?

Sem conter o riso com o questionamento inusitado do filho, Cadu respondeu:

— Pois agora... *Tu vai* me ajudar a ensinar ela, né?

O menino assentiu e voltou a se empoleirar no bebê-conforto, assim que a menina começou a chorar.

— Mas só se ela não ficar chorando o tempo todo.

— Ela ainda é um bebê, filho. Bebê chora o tempo todo.

Cadu estava começando a ficar impaciente com a demora de Morena. Ela já tinha entrado no apartamento para trocar de blusa — porque a menina tinha vomitado na sua, bem na hora que estavam saindo — há mais de dez minutos e não conseguia entender porque isso tinha que levar tanto tempo. Especialmente agora, que Duda estava fazendo um verdadeiro escândalo.

— Desculpa a demora — explicou-se ela, assim que entrou no carro. — O Hulk fez xixi no tapete do Matheus e eu precisei colocar de molho.

Ela se virou para trás e tentou acalmar a menina, mas bastou o carro começar a andar, para que o milagre acontecesse e o silêncio voltasse a imperar naquele carro.

Dali, seguiram direto para o seu destino: a praia.

Achavam engraçado como a praia conseguia ficar ainda mais bonita no inverno. Talvez fosse a forma como o sol refletia na água, ou nenhuma pessoa por ali para tirar a atenção da grandiosidade daquele lugar.

Assim que chegaram, esticaram uma toalha sobre a areia e colocaram o

guarda-sol, porque, apesar do clima frio, o sol estava forte.

— Mãe, posso molhar o pé?

Morena cruzou os braços e lançou um olhar duro para o menino.

— Pode, mas se *tu vier* com essa historinha de que tropeçou "sem querer" — Fez aspas com as mãos — e vier todo molhado, nós vamos ter uma conversa bem séria, tá?

O garotinho assentiu e correu para o mar. Enquanto ela tirava as coisas da cesta e colocava sobre a toalha, Cadu pegou Duda no colo e se sentou ao lado dela. Não sabiam quanto tempo a menina aguentaria ali, sem chorar ou pedir para ir para casa, afinal, era a primeira vez que tentavam fazer algum programa fora de casa, desde que ela chegara.

Morena preparou a mamadeira e entregou para Cadu. Ficou longos minutos admirando-o, enquanto alimentava a pequena. Estava entre as cenas mais lindas que já tinha visto na vida e não conseguiu evitar aquele *flashback* que passou na sua cabeça, de toda a história que viveram.

Dos momentos de raiva e perplexidade perante as atitudes de Cadu, das besteiras que cometeu no caminho, tentando ajudá-lo, de como a chegada repentina de Matheus tinha sido um divisor de águas em suas vidas e da vinda tão esperada de Duda, que só serviu para multiplicar a felicidade que já sentiam.

Duvidava que existisse pessoa mais sortuda do que ela e tinha medo que seu coração escapasse por alguma fresta, porque tinha certeza que ele já não cabia mais em seu peito.

— O que foi, cheiro? — perguntou ele, ao perceber que ela não tirava os olhos.

— Nada. — Sorriu. Um sorriso tão iluminado que o sol sentiu inveja. — Só *tava* pensando que não deve existir no mundo uma família mais linda que a nossa, né?

— Eu aposto que não! — Sorriu de volta.

Uma tarde de sol, uma praia linda e inteira só para eles, a família mais maravilhosa que o destino podia lhes dar...

A vida estava sendo tão generosa, que nem sabiam como agradecer por tudo aquilo e só lhes restava viver toda essa generosidade da melhor maneira possível, para retribuir o favor.

Afinal, viver é a coisa mais rara do mundo e estavam prontos para aceitar essa raridade.

FIM



Antes de mais nada, queria agradecer de coração a cada leitor que chegou até aqui. Sem ti, nada disso seria possível e não teria tanta graça contar minhas histórias.

Não poderia deixar de agradecer também às duas pessoas que sempre estão do meu lado. Vitória, minha irmã e leitora número um e meu marido Adriano.

Não posso deixar passar batido as duas pessoas que me sempre estão do meu lado, ouvindo meus lamentos e dando dicas maravilhosas. Fabi Dias e Taiane Bastos, as duas baianas de coração mais generoso da vida!

Mais uma vez, obrigada, querido leitor e espero vê-los em breve!



Apaixonada por música, futebol, viagens e literatura (não necessariamente nesta ordem), Laís vive em Balneário Piçarras (melhor cidade do Brasil), com seu marido e seus cinco filhos de quatro patas.

Começou a escrever na adolescência, fazendo fanfic de Linkin Park, mas só mostrou seu trabalho para o mundo em 2017, no Wattpad. Vencedora do Prêmio Wattys no mesmo ano, com *A Segunda Geração*, não parou mais e já tem mais de 10 livros publicados.

Tem o maior orgulho em dar vida aos personagens birrentos e teimosos que a atormentam vinte e quatro horas por dia e não tem a menor intenção de parar.

Conheça suas outras obras (clique e conheça):

Amazon:

[Procura-se um Otário](#) (comédia romântica);

[Procura-se um Boy Lixo](#) (comédia romântica);

Wattpad:

[A Corte](#) (distopia);

[Goodbye Blue Sky](#) (ficção científica);

[Por Amor às Causas Perdidas](#) (distopia);

A Segunda Geração (ficção científica);

- [1] Cheiro - Apelido carinhoso geralmente utilizado entre casais.
- [2] Rapaz pequeno - Criança
- [3] Tainha - Peixe típico de regiões frias.
- [4] Égua - Expressão de surpresa.
- [5] Bandeira do Divino - Festividade religiosa, onde as famílias recebem a visita da Bandeira do Divino Espírito Santo.
- [6] Ó-lhó - Abreviação de “Olha aí, olha”.
- [7] Ir atrás de alguém - Seguir os conselhos de alguém. Acreditar no que alguém diz.
- [8] Quebranto - Mau-olhado. Acredita-se que a pessoa com quebranto tenha mais sono do que o normal.
- [9] Tanso - Burro
- [10] Cornos - Rosto
- [11] Mais liso que Jundiá - Esperto, malandro.
- [12] Caco - À toa, ordinário.
- [13] Pois agora - Expressão de dúvida. Tanto pode significar sim, como não, ou que a pessoa não sabe.
- [14] Embosteiro - Fuxiqueiro
- [15] De varde - Sem ter o que fazer.
- [16] Siri na lata - zangado, irritado.
- [17] Reinar - Brigar.
- [18] Excomungado - Pessoa detestável.
- [19] Cu de Encrenca - Pessoa que gosta de confusão.
- [20] Dar um banho - Arrasar, Fazer algo muito bem feito.
- [21] Bobiça - Besteira.